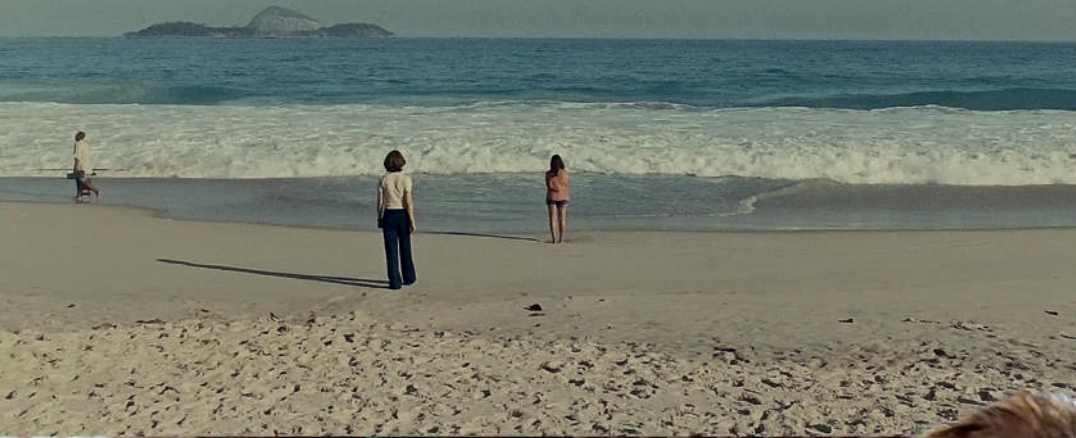




ontraponto

JORNAL LABORATÓRIO DO CURSO DE JORNALISMO

Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes - PUC-SP



Editorial

Uma grande tempestade se anuncia no cenário político internacional. Discursos de ódio contra minorias étnicas, imigrantes, refugiados e pessoas LGBTQIAPN+; perseguição política; nacionalismo desenfreado; líderes de extrema-direita eleitos; acordos internacionais ignorados por chefes de estado.

Não é a primeira vez que assistimos isso acontecer, como diria Mark Twain, “a história não se repete, mas frequentemente rima”. Da emergência climática à ameaça de guerra nuclear que paira sobre nossas cabeças, a sensação é de que o cotidiano se transformou em um evento histórico atrás do outro, com o fim do mundo – ou pelo menos da humanidade como conhecemos – sempre ali na esquina.

Manter-se informado está cada vez mais importante, cada vez mais angustiante. Um dos poucos respiros é a arte, o contato com obras que suspendem o tempo expande o universo dos possíveis. Entrar de cabeça num livro, escutar música no metrô, se emocionar na sala do cinema – são estas experiências que nos permitem compreender um pouco melhor um mundo caótico.

Nesse sentido, o filme *Ainda Estou Aqui*, por exemplo, abriu o baú da Ditadura Militar para o grande público. Apagar o passado para que não possamos compreender o presente, sempre foi uma estratégia da extrema-direita. O filme clama pelo oposto, conhecer o passado para sonhar o futuro! O que antes era um debate entre intelectuais a respeito de um momento apagado da memória coletiva brasileira, passou a ser assunto nacional. Nosso carnaval foi tomado pela comemoração de uma obra que nos lembra que sorrir, amar e viver também são atos de resistência.

“Nós vamos sorrir. Sorriam!” já nos ensinou Eunice Paiva.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

Reitor Prof. Dr. Vidal Serrano Nunes Júnior
Vice-Reitora Profa. Dra. Carla Reis Longhi
Pró-Reitor de Pós-Graduação Prof. Dr. Antonio José Romera Valverde
Pró-Reitor de Graduação Prof. Dr. Flávio Mesquita Saraiva
Pró-Reitora de Planejamento e Avaliação Acadêmicos Prof. Dra. Mônica Muniz Pinto de Carvalho
Pró-Reitor de Educação Continuada Prof. Dr. Paulo Sérgio Feuz
Pró-Reitora de Cultura e Relações Comunitárias Profa. Dra. Myrthânia de Souza Cruz
Chefe de Gabinete Dr. Leonardo Florencio de Carvalho

FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES (FAFICLA)

Diretor Prof. Dr. Fabio Cypriano
Diretora Adjunta Profa. Dra. Priscila Almeida Cunha Arantes
Chefe do Departamento de Comunicação Profa. Dra. MiSaki Tanaka
Vice-chefe do Departamento de Comunicação Profa. Dra. Vânia Penafieri de Farias
Coordenador do Curso de Jornalismo Prof. Dr. Diogo de Hollanda
Vice-coordenador do Curso de Jornalismo Prof. Dr. Fábio Fernandes

EXPEDIENTE CONTRAPONTO

Editora Responsável Anna Flávia Feldmann
Editora Assistente Giuliana Zanin
Secretário de Redação João Curi
Assistente de Produção Anna Cândida Xavier
Fotografia Lídia Rodrigues de Castro Alves
Mídias Sociais Ana Pires, Isabela Fabiana, Letícia Falaschi, Nicole Domingos e Romulo Santana

Editórias

Cultura e Entretenimento
Giovana Laurelli e Thainara Sabrine
Espportes Nathalia de Moura e Gabriel Ayres

Internacional Pedro Bairon
Moda Gabriela Jacometto
Política Khauan Wood e Artur Maciel
Ambiental Vítor Nhoatto

Revisão Alice Di Biase, Beatriz Alencar, Isabelli Albuquerque, Julia Berkovitz, Ricardo Dias, Sophia Dolores, Sophia Pietá, Melissa Joanini, Michelle Gonçalves e Vinícius Villas Boas

Checagem Annanda Deusdará, Fabiana Caminha, Julia Sena, Luane França, Pedro Premero e Maria Cepeda

Ombudsman Vanessa Oliveira

Comitê Laboratorial Cristiano Burmester, Diogo de Hollanda, Fabio Cypriano, José Arbex Jr. (em licença), Maria Angela Di Sessa e Pollyana Ferrari

Fotografias de capa Sony Pictures

Projeto e diagramação Aline Bullara

Contraponto é o jornal-laboratório do curso de Jornalismo da PUC-SP.

Rua Monte Alegre, 984 – Perdizes
CEP 05014-901 – São Paulo/SP
Fone (11) 3670-8205

Ed. Número 143 – Abril/Maio de 2025

Política

Políticos conectados em busca de maior destaque.....	4
PL Anti-Oruam reacende debate sobre censura artística.....	6



© Gregory Shamus/
Getty Images

Internacional

Gisèle Pelicot, um símbolo de luta e resiliência.....	7
Cordão sanitário recua na Europa com resultados na Alemanha	8
Ameaças e violações aos Direitos Humanos aumentam no Governo Trump	10
Super Bowl revela crise do governo americano	12

Ambiental

O que explica o aumento no preço dos alimentos?	13
---	----



© Gavião Kyikatejê

Esportes

Conheça o Gavião Kyikatejê, exemplo de resistência no futebol	15
O Brasil está de volta à Fórmula 1	17
Brasil se torna destino para estrelas do futebol mundial e aquece mercado	18



© Alile Dara Onawale

Moda

Baile da Vogue 2025 trouxe mais glamour cultural do que estético	20
--	----

Entretenimento e cultura

A fotografia do filme "Ainda Estou Aqui" captura a poesia no mundo cinematográfico	22
O cinema brasileiro reacende na cultura popular com o filme "Ainda estou aqui"	24
Vale a pena ver de novo?	26
Como o conservadorismo tem afetado as produções cinematográficas	28
Expansão do mercado de jogos eletrônicos encontra desafios na indústria brasileira	29
Uma perspectiva que está além das câmeras de Ainda Estou Aqui.....	30
Emilia Pérez é o mais novo caça Oscar do momento	31
Anora e a quebra da expectativa do sonho americano	32
Crônica: Ecoansiedade e calor humano	33
Crônica: O espanta fascismo	34

Ensaio fotográfico

O carnaval parnaibano	12
-----------------------------	----

Políticos conectados em busca de maior destaque

Representantes do Governo vêm misturando seu papel institucional com o de personalidades online

Por Clara Dell'Armeline, Isabelle Maieru, Kimberlly Ferreira Costa Ramos, João Pedro Lopes e Natália Perez

Nos últimos anos, um fenômeno tem se intensificado no cenário eleitoral: a ascensão de políticos como influenciadores digitais. As redes sociais se tornaram um dos principais meios de comunicação para os representantes dos três poderes. Do X (antigo Twitter) ao Instagram, líderes transmitem suas mensagens diretamente ao público, sem a intermediação da mídia tradicional. Em vez de usar apenas discursos formais e comunicados de imprensa, fazem *lives*, postam *stories* e até memes (conteúdos de humor no formato de imagens, vídeos ou textos).

“No Brasil, é muito comum ouvir as pessoas dizerem que votamos em pessoas não em partidos, inclusive como se isso fosse algo positivo. A política fica então mais centrada no indivíduo, isso é um fenômeno muito forte.”, explica Rosemary Segurado, cientista política e professora do curso de Ciências Sociais da PUC-SP.

Ao adotar essa postura de “influenciador”, o político não só se coloca à disposição do público, mas também começa a exercer influência sobre ele. As curtidas, comentários e visualizações funcionam como retorno imediato nas redes sociais, de forma que as decisões políticas sejam cada vez mais influenciadas por discussões *on-line*.

De acordo com o Mapeamento, Análise e Perspectiva (MAP), agência de análise de mídias e dados, em 2022, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) teve 21,2% das menções no Twitter e no Facebook. Durante o período, ele liderou o engajamento nas redes sociais, superando seus concorrentes na corrida eleitoral.

A velocidade das redes sociais e a pressão por resultados rápidos podem incentivar políticas superficiais, voltadas para agradar ao público momentaneamente, em vez de promover mudanças estruturais profundas. “À medida que a gente empobrece o debate sobre temas relevantes da sociedade, nós empobrecemos, por exemplo, aquilo que é uma oferta de serviços para a sociedade. Então, como vamos debater uma política complexa como a do Sistema Único de Saúde, o SUS, em um vídeo de 10 ou 20 segundos?”, questiona Rosemary.

Uma das principais características desse fenômeno é a personalização da política, ou seja, os representantes sendo tratados como marcas. Preocupando-se com a construção de uma “persona” nas redes sociais, com a criação de conteúdos que atendem diretamente às expectativas de seus seguidores.

A relação entre o eleitor e o candidato, antes mediada por partidos e ideologias, passou a ocorrer também de forma direta. A proximidade gerada pela conectividade pode resultar em um maior engajamento e até em uma verdadeira fidelização, como ocorre com influenciadores de marcas comerciais.

Sobre isso, a cientista afirma que a aproximação dos políticos gera um efeito no eleitorado, nos apoiadores, como se aquele representante ou aquela liderança política estivesse falando exatamente com quem está o acompanhando e assistindo através das telas.

Por outro lado, essa nova forma de fazer política também apresenta riscos. A desinformação, por exemplo, pode se espalhar rapidamente nas plataformas digitais, enquanto a manipulação de dados e opiniões pode influenciar decisões eleitorais.

Uma pesquisa do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), que investigou publicações do Twitter de 2006 a 2017 revelou que notícias falsas têm 70% mais chances de serem compartilhadas no Twitter do que notícias verdadeiras. Além disso, essas informações falsas atingem um público significativamente maior e se propagam mais rapidamente do que as verdadeiras.

Deputado Nikolas Ferreira e a Crise do Pix

Entre os políticos com maior presença digital, está o deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG). O parlamentar se alterna entre postagens pessoais, como fotos de sua família, e conteúdos de oposição ao atual governo. Ele se posiciona como uma das principais vozes da direita nas redes sociais.

Um de seus vídeos mais populares foi publicado por Nikolas em janeiro, quando a Receita Federal anunciou a ampliação da fiscalização sobre transações via Pix, medida que visava monitorar movimentações mensais acima de R\$5 mil para pessoas físicas.

O deputado criticou as mudanças propostas pelo Ministério da Fazenda e afirmou, de forma enganosa, que o governo passaria a cobrar taxas sobre transações via Pix. O conteúdo viralizou rapidamente, alcançando 100 milhões de visualizações nas primeiras 24 horas, o que gerou indignação e pressionou o Governo.

Por outro lado, com maior presença digital no lado da esquerda, a deputada

Erika Hilton (PSOL-SP) publicou um vídeo rebatendo Nikolas, em que ela o acusa de trazer desinformação e alarmismo, além de explicar a real intenção da proposta. Mesmo assim, a repercussão foi tão intensa que a pressão popular levou o Governo a revogar a norma.

Um mês depois, quando não se falava mais da “crise do Pix”, o nome de Nikolas Ferreira voltou aos holofotes. Publicações antigas suas com admiração pela *boy band* One Direction foram resgatadas por internautas, contrastando com a atual imagem extremista do deputado.

© Reprodução/Instagram



A deputada federal Erika Hilton (PSOL-SP) e o deputado Nikolas Ferreira (PL-MG) em vídeos contrastantes a respeito da “polêmica do PIX” em janeiro

Consequências nas campanhas políticas

Ao mesmo tempo que as redes sociais têm permitido que candidatos construam uma imagem mais próxima e acessível, essa interação também trouxe desafios, já que as plataformas não estão livres da crescente polarização política, a disseminação de *fake news* e a pressão constante para manter o engajamento com a base eleitoral.

Pedro Salles, coordenador de comunicação da vereadora Luna Zarattini (PT-SP), argumenta: “É uma questão meio ovo e a galinha: foram as redes sociais que aumentaram a polarização política ou a polarização política já estava em ascensão e as redes sociais estavam ali?”

Essa relação complexa entre redes sociais e polarização fez com que o ambiente digital se tornasse cada vez mais hostil ao diálogo, intensificando conflitos políticos e reforçando bolhas ideológicas.

Como resultado, criou-se um ambiente propenso à propagação de ataques e segregações. Sobre isso, Salles comenta que nesse cenário, ou se vira “um palhaço” ou “vai para a briga” para construir um nicho e apostar muito nele.

O cientista social e consultor de *marketing* político, Caio Manhanelli, resume: “A política sempre foi um tema incômodo, no sentido de pouco atrativo para a população”. Ele afirma, ainda, que essa maneira de tratar a política como um ringue é uma forma de gerar entretenimento para difundir mensagens ideológicas.

As eleições municipais de 2024 mostraram como as redes sociais influenciam diretamente o cenário político, figuras como Nikolas Ferreira, Erika Hilton, Guilherme Boulos, Lucas Pavanato e Pablo Marçal utilizaram essas plataformas para se conectar com eleitores e expandir sua visibilidade.

Durante o período eleitoral, muitos candidatos se destacaram pelo uso intenso de plataformas digitais para impulsionar suas campanhas. Como os algoritmos priorizam conteúdos de alta interação, publicações sensacionalistas ou polarizadas acabam ganhando mais visibilidade – especialmente entre os jovens, que estão mais conectados e engajados nessas plataformas.

Pablo Marçal foi um exemplo claro do impacto das redes sociais na política durante o pleito de 2024. Sem tempo de propaganda eleitoral televisiva, ele concentrou sua campanha quase inteiramente no ambiente digital, utilizando vídeos virais, discursos motivacionais e interações diretas com seus seguidores para impulsionar sua candidatura.

O algoritmo dessas redes favorece conteúdos que geram alto engajamento, o que muitas vezes leva à disseminação de postagens sensacionalistas ou polarizadas. Esse fenômeno tem um impacto ainda maior entre os jovens, que passam grande parte do tempo conectados e são diretamente influenciados pelo conteúdo que consomem nas plataformas.

Impacto na geração da era digital

Além de utilizar aplicativos como Instagram, TikTok e X para consumir memes, postagens e vídeos, a geração Z – que representa cerca de um quinto da população – também adotou as plataformas como meios de pesquisas do dia a dia. “Quem tem interesse em política acaba conseguindo acompanhar como se fosse um



Parte do vídeo de Tabata Amaral (PSB) postado em suas redes sociais acusando Pablo Marçal (PRTB) de estar ligado à líderes do PCC no tráfico de drogas, ao lado Marçal respondendo às acusações publicamente

reality show, 24 horas por dia. Vira uma espécie de entretenimento”, explica Salles.

Representando a nova geração de eleitores brasileiros, os jovens têm se deparado cada vez mais com figuras políticas dentro da *internet*. Através de vídeos curtos, discursos incisivos ou postagens com imagens que prendem a atenção.

A professora Rosemary explica que a política sempre foi um ambiente de muita exposição e, para ela, percebe-se que nas redes, os políticos buscam espetacularizar a sua presença, porque é essa espetacularização que chama a atenção dos eleitores.

Os vídeos curtos que viralizam em poucos minutos e as declarações polêmicas considerando o cenário político atual, têm despertado em parte da nova geração a necessidade de ter uma opinião definida.

Para Caio Manhanelli, quando os políticos adotam e reproduzem essa lógica da contrariedade extrema, acabam transmitindo à nova geração a ideia de que a política está sempre ligada à radicalização.

Alguns jovens se engajam politicamente com base em informações divulgadas nas redes sociais. Essas plataformas possuem ferramentas que selecionam conteúdos de acordo com o perfil de cada usuário. Os algoritmos direcionam individualmente os conteúdos com base no que a pessoa consome, curte e compartilha.

A partir disso, as plataformas podem ser usadas para disseminar notícias falsas e influenciar os mais novos a partir delas e, assim, ampliar significativamente a polarização política brasileira, fundamentada a partir do que os usuários absorvem na *internet*.

Por exemplo, um jovem que passa muito tempo em redes sociais como TikTok

e Instagram pode ser exposto a conteúdos que distorcem informações sobre um determinado candidato político.

Se ele acompanha apenas perfis que reforçam um lado da questão, sem buscar fontes confiáveis, pode acabar acreditando em teorias da conspiração ou em notícias falsas. Isso fortalece sua visão polarizada e pode influenciar suas decisões e opiniões, contribuindo para um cenário de divisão extrema na sociedade.

Uma das consequências dessa dinâmica em um ambiente de hiperconectividade e saturação da informação, como aponta Manhanelli, é o fenômeno das *fake news*. Segundo ele, as pessoas tendem a ler apenas trechos do conteúdo, sem analisá-lo por completo, o que as leva a tirar conclusões precipitadas. Dessa forma, o debate e a circulação de informações tornam-se superficiais, uma vez que o espaço para a exposição detalhada dos fatos diminui, enquanto a quantidade de informações se multiplica rapidamente.

Com a crescente influência das redes sociais no cotidiano, a tendência de políticos adotarem comportamentos semelhantes aos de influenciadores deve continuar se expandindo. No entanto, Salles alerta que a política tradicional ainda desempenha um papel fundamental e que ignorar esse fato pode comprometer a compreensão da realidade brasileira e das possibilidades de transformação.

Para ele, ser influenciador não é suficiente para resolver todas as questões da sociedade. Assim, mais do que simplesmente disputar votos nas urnas, os candidatos parecem agora estar engajados em uma batalha por narrativas virais nas plataformas digitais.

PL Anti-Oruam reacende debate sobre censura artística

Projeto de Lei coloca funk e rap no centro da discussão sobre apologia ao crime e os limites da arte

Por Amanda Mores, Catriz e Thainá Brito

O Projeto de Lei 26/2025, conhecido como 'Lei Anti-Oruam', foi apresentado à Câmara Municipal de São Paulo em janeiro pela vereadora Amanda Vettorazzo (União Brasil). A proposta visa proibir a contratação, com recursos públicos, de artistas acusados de fazer apologia ao crime ou ao uso de drogas em eventos destinados ao público infantojuvenil. Em caso de descumprimento, a multa recairá sobre o responsável pela contratação e será de, no mínimo, 100% do valor do contrato, tendo seu valor destinado para o Ensino Fundamental da Rede Municipal de São Paulo.

Em entrevista exclusiva ao **Contraponto**, Vettorazzo explicou o motivo pelo qual o projeto menciona um dos principais artistas do *trap* nacional: "O Oruam simboliza exatamente o tipo de prática que queremos combater: letras que fazem apologia ao crime organizado, além de gestos e atitudes que reforçam essa mensagem".

Oruam é filho de Marcinho VP, traficante preso em 1996 e apontado como um dos líderes da facção Comando Vermelho. Apesar da fama, o *rapper* coleciona polêmicas desde o início de sua carreira e está sempre no centro de debates.

"Não se trata de uma perseguição pessoal, mas de um exemplo claro do que não pode ser financiado com dinheiro público. O foco do PL é impedir que qualquer artista, independentemente do gênero musical, utilize recursos públicos para promover esse tipo de conteúdo", afirmou a vereadora. No entanto, a autora do projeto fez declarações em suas redes sociais que sugerem um alvo específico: 'Oruam abriu as portas para que *rappers* e *funkeiros* começassem a produzir músicas enaltecendo criminosos e líderes de facções'.

Por outro lado, críticos da proposta temem que o projeto represente um risco à liberdade de expressão. A principal preocupação é que a lei possa ser utilizada como uma ferramenta de censura prévia, especialmente contra o *rap* e o *funk* – gêneros musicais que, historicamente, retratam a realidade das periferias do país.

Oruam: o rapper que alimenta discussões no cenário político

Com mais de 13 milhões de ouvintes no *Spotify*, Oruam é um dos principais nomes do *trap* nacional, com sucessos como "Rolé na favela de Nave" e "Diz aí qual é o plano?". O cantor se manifestou nas redes sociais sobre o PL que leva seu nome: "Eles

sempre tentaram criminalizar o *funk*, o *rap* e o *trap*. Coincidentemente, o universo fez um filho de traficante fazer sucesso, e agora eles encontraram a oportunidade perfeita para isso. Virei pauta política".

Em 2024, o artista causou polêmica ao subir ao palco do festival *Lollapalooza* vestindo uma camisa com o rosto de seu pai e a palavra "liberdade". Para muitos, ele explora essa imagem paterna como estratégia de marketing para ampliar sua notoriedade e se destacar na mídia.



Oruam se apresentando no Lollapalooza 2024

Já em 2025, o cantor foi preso por dirigir e realizar manobras arriscadas em frente a um carro da Polícia Militar. Horas após pagar fiança, lançou seu primeiro álbum, 'Liberdade'. O disco ganhou destaque, especialmente pela capa, que traz o *rapper* ao lado da família, com todos vestindo camisetas estampadas com fotos de Marcinho VP.

Em pronunciamento por meio das suas redes sociais, o artista falou sobre sua relação com o pai: "Meu pai foi preso com 20 anos, há quase 30 anos. Ele vive trancado em uma cela de 6 metros quadrados. Podemos vê-lo uma vez por mês, sem contato físico. Minha vida é assim desde criança, nunca tive uma foto com meu pai e muito menos tive o prazer de desfrutar coisas simples com ele".

O álbum *Liberdade* reflete a visão de um cantor que se orgulha de sua origem. As músicas apresentam o relato de alguém que conhece de perto as comunidades e

rejeita a ideia de ser um criminoso, mas vê o pai como ícone. Para ele, a proposta da vereadora representa repressão e censura.

"O projeto não tem o objetivo de censurar gêneros musicais ou impedir a liberdade de expressão dos artistas. A proposta é clara: o foco é exclusivamente evitar que dinheiro público seja utilizado para financiar shows que façam apologia ao crime organizado", rebateu a vereadora diante das acusações de censura.

Lei de apologia ao crime

O artigo 287 do Código Penal estabelece que incitar ou defender atividades ilícitas configura crime. No contexto artístico, essa questão gera intensos debates, especialmente quando cantores compartilham suas experiências em ambientes de violência.

Essa subjetividade levanta uma reflexão sobre os limites da arte e a responsabilidade social do artista. Quando se trata de públicos vulneráveis, como menores de idade, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) já estabelece restrições claras para protegê-los da exposição a conteúdos prejudiciais.

Caso de censura contra o clipe do Grupo Facção Central

Há 25 anos, o grupo Facção Central enfrentou a censura tanto da mídia brasileira quanto do Ministério Público. O clipe "Isso Aqui É Uma Guerra" foi retirado da programação da MTV por retratar um assalto.

Após a proibição, o grupo foi convidado a participar do programa de Sônia Abrão para esclarecer e defender sua posição. Em entrevista, o integrante Eduardo explicou: "A intenção do clipe foi mostrar a cena violenta, com o bandido morrendo no final, para mostrar que a lógica do crime é essa".

O Facção Central não se calou e seguiu produzindo suas obras, contribuindo para uma mudança na percepção da mídia sobre o *rap*. Em 6 de agosto de 2009, o rap nacional conquistou seu próprio dia, em reconhecimento à sua resistência cultural, por meio de um projeto protocolado pelo deputado Geraldo Vinholi, do PSDB.

Assim como o Facção Central, o PL Anti-Oruam levanta questões sobre como o Estado pode controlar as narrativas que chegam ao público. Embora não haja censura explícita, o projeto traz à tona a possibilidade de limitar a liberdade artística sob o argumento de proteção.

Gisèle Pelicot, um símbolo de luta e resiliência

Como a história da sobrevivente francesa se destaca em meio a cultura machista e violenta

Por Chloé Dana, Helena Barra e Laura Petroucic

Em 2024, o mundo conheceu Gisèle Pelicot, uma mulher francesa de 72 anos estuprada por desconhecidos a convite de seu próprio marido, Dominique. Entre 2011 e 2020, ele arquitetou dezenas de encontros onde dopava sua esposa e ela era estuprada por homens contatados por ele na internet. Desmaiada por causa das drogas trituradas em sua comida, Gisele nunca desconfiou de nada e achava que os problemas de memória eram suspeitas de Alzheimer ou questões neurológicas.

A verdade foi descoberta quando Dominique foi flagrado tirando fotos por baixo da saia de mulheres em um mercado local. As autoridades confiscaram seu computador e descobriram cerca de 20 mil imagens e vídeos de uma mulher inconsciente sendo estuprada. Essa mulher era a própria esposa dele: Gisele Pelicot. Fotos íntimas da filha do casal, Caroline Darian, também foram encontradas nos arquivos, abrindo mais uma denúncia de abuso sexual contra Dominique. Mais de 70 homens aparecem nos vídeos, dentre eles, cinquenta foram identificados e levados ao tribunal. Muitos afirmaram não saber que o marido os convidava sem o consentimento da esposa, logo foi desmentido pelo próprio Dominique em uma das falas mais repercutidas do caso: “Eu sou um estupro assim como todos nessa sala”.

Em entrevista ao **Contraponto**, o sociólogo e professor do eixo de humanidades da Faculdade de Ciências da Saúde de Barretos, Marcos Lázaro Prado analisa a repercussão da barbárie e a importância do caso: “Gisèle contradiz o que se espera de uma vítima de estupro. Uma senhora branca, de classe média, na França, um país desenvolvido conhecido por seu

progressismo. Ela é mãe e avó, e foi vítima do homem com quem esteve junto por cinco décadas dentro de sua própria casa. Gisèle forçou o mundo a perceber uma triste verdade: as mulheres não estão seguras em lugar nenhum”.

Durante o julgamento em Avignon, Gisèle tomou uma decisão incomum e optou por não manter o anonimato garantido pelas autoridades francesas. Sua coragem logo se transformou em algo muito maior. Gisèle, que primeiro comparecia às audiências escondida atrás de óculos escuros, foi recebendo cada vez mais apoio. Mulheres com flores, cartazes e mensagens positivas a esperavam na porta do tribunal. Com o tempo, Gisèle deixou de usar os óculos e afirmou que quem deve sentir vergonha são os estupradores, não as vítimas.

Pelicot declarou ao tribunal que não se expôs por ódio ou vingança, mas sim por sua determinação em mudar a sociedade. Ela espera que vítimas de estupro usem sua história como exemplo para denunciarem seus abusadores: “Quero que as vítimas de estupro digam a si mesmas: Se a senhora Pelicot conseguiu, eu consigo também”.

O caso de Gisèle inspirou novas denúncias envolvendo os culpados desse crime hediondo e abriu portas para que mais pessoas contassem seus relatos e fossem ao fronte na luta contra o abuso sexual. Seu impacto foi tão forte que ela foi eleita uma das mulheres do ano de 2025 pela Revista *Time*, sendo reconhecida como a “voz para sobreviventes de violência sexual”. Gisele estampou a capa digital da edição de dezembro de 2024 da *Vogue Alemã* com a frase: *No more shame*.

Durante o desenvolvimento do caso, diversas manifestações e movimentos feministas foram formados e documentados pela mídia incentivando mais pessoas a participarem e apoiarem a trajetória da sobrevivente. O jornalismo, ao dar visibilidade à história de Gisèle Pelicot, mostrou-se uma peça fundamental para a denúncia de crimes e pela luta por justiça. Através dos meios de comunicação a repercussão do caso impulsionou debates e reflexões, incentivando mulheres do mundo todo a manifestarem seus medos e experiências.

Eleger Gisèle como uma das mulheres do ano reforça a importância de dar visibilidade a histórias como a dela, ainda em um momento onde o mundo enfrenta uma onda de extrema direita e conservadorismo, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, com os casos de sexismo e misoginia.

Seis meses antes do julgamento final de Pelicot, no dia 9 de junho de 2024, encerraram-se as eleições para o Parlamento Europeu, que mobilizou cerca de 370 milhões de pessoas aptas a votar em 27 países do continente, colocando em jogo o caminho de um dos maiores blocos econômicos do mundo. O resultado das eleições teve em vista o grande ganho de partidos de extrema-direita como os da Itália, França e Alemanha, que defendem discursos xenofóbicos, racistas e anti-imigrantes que se opõem às políticas progressistas do bloco. Embora compartilhem características ideológicas, os partidos da atual extrema-direita europeia possuem variações e divergências internas.

A crise política e econômica que tem despedaçado a Europa desde 2007 tem favorecido grupos populistas, em contraste com o cenário europeu dos anos 1930, quando a esquerda antifascista se desenvolvia em paralelo ao fascismo. No contexto atual, a extrema-direita se beneficia dessa crise ao impulsionar discursos conservadores que questionam direitos fundamentais, incluindo os das mulheres e dos imigrantes, rejeitando a composição “multiétnica” dos estados-nação.

Além disso, existe uma normalização nos discursos radicais, partidos promovem abertamente discursos xenofóbicos, ultranacionalistas, eurocêntricos e islamofóbicos agora são considerados comuns. Essa normalização fica evidente quando a direita tradicional faz concessões e aceita se associar a essas lutas sociais com a intenção de obter benefícios eleitorais a curto prazo.

O sociólogo Marcos também explica a questão da adesão dos jovens eleitores a propostas radicais. “O que antes era um grupo restrito de jovens ultranacionalistas violentos e outras identidades marginalizadas em uma Europa considerada civilizada, agora acolhe uma geração de adultos jovens cosmopolitas. Motivados pela instabilidade econômica, foram persuadidos de que os partidos de extrema direita proporcionam uma alternativa econômica confiável”, evidenciando um retrocesso na Europa, que por décadas vista como um símbolo da modernidade e das lutas sociais, dá sinais de um retorno aos caminhos de seu passado.



© Christophe Simon/Getty Images

Gisèle admirando o apoio exercido em forma de manifestações

Cordão sanitário recua na Europa com resultados na Alemanha

Oitenta anos depois do nazismo, partidos da extrema direita voltam a conquistar o parlamento alemão

Por Letícia Falaschi, Gabriela Scholze, Lueny Gomes, Sofia Morelli, Liz Ortiz Fratucci, Isabela Fabiana

As eleições alemãs deste ano trouxeram resultados alarmantes para o cenário político do país. As apurações mostraram que o partido CDU (União Democrata-Cristã, de centro-direita) conquistou a vitória com 28,5% dos votos, garantindo 208 cadeiras para os representantes. Em segundo lugar, o partido AfD (Alternativa para a Alemanha, de extrema-direita) alcançou 20,8% dos votos, com 151 assentos à disposição.

O resultado da AfD chamou a atenção da comunidade internacional, afinal, após o término da Segunda Guerra Mundial, um “cordão sanitário” evitou que organizações políticas radicais de direita chegassem ao poder na Europa. Entretanto, o fortalecimento do partido não surgiu da noite para o dia. Desde 2022, houve um crescimento impulsionado por fatores sociais e econômicos que levaram parte da população a adotar ideias mais extremistas, com ênfase no movimento anti-imigratório, além do aumento de alusões ao neonazismo.

Os votos da AfD se concentram nas gerações mais novas de homens da Alemanha Oriental. O historiador Luiz Eduardo Pegoraro explica que o fenômeno é uma consequência da unificação desigual da Alemanha. “A integração tardia da região oriental impediu que ela usufrísse dos benefícios do desenvolvimento econômico alemão, resultando em uma população jovem sem perspectiva de futuro”, afirma.

Ele ainda aponta que essa dinâmica culpabiliza os imigrantes. “A pauta anti-imigração vem ganhando cada vez mais força com a ilusão de que a melhoria da qualidade de vida viria com a expulsão dos imigrantes, que assim conseguiriam entrar no mercado de trabalho mais fluidamente”, explica.

Os votos para a direita vieram, em maioria, de cidadãos com piores condições sociais e com nível básico de escolaridade. Desses, 32% votaram na CDU e 28% na AfD, enquanto eleitores de classe média costumam se alinhar aos partidos mais tradicionais, de acordo com as pesquisas realizadas pela *DW Brasil*, correspondente da emissora alemã.

Os dados indicam que os partidos CDU, CSU (União Social-Cristã) e o SPD (Partido Social-Democrata da Alemanha) vêm se reunindo com uma coalizão em mente para tratar temas como política migratória externa, segurança e economia, além de visarem a independência europeia dos EUA, principalmente após as declarações do presidente Donald Trump nos primeiros meses do segundo mandato.

Musk e os EUA: ombros amigos da AfD

A vitória de Donald Trump nas eleições estadunidenses em 2024 foi um marco para o mundo: a extrema-direita está à frente da maior potência mundial da atualidade. Com Elon Musk na chefia do Departamento de Eficiência Governamental (DOGE, na sigla em inglês), os posicionamentos do governo surpreenderam a comunidade internacional. O homem mais rico do mundo e o vice-presidente dos Estados Unidos, JD Vance, são o elo entre Alice Weidel (líder da AfD) e a Casa Branca. O apoio dessas figuras foi um impulso para os resultados das eleições na Alemanha.

O jornalista Paulo Tescarolo, especialista em política internacional, comenta sobre a questão da rede social no apoio do bilionário. “Não é a figura do Musk. É a plataforma, é entregar um canal tão poderoso quanto o X para que a extrema-direita se manifeste. Não funciona o rosto dele, mas a ferramenta que ele tem e representa.”

A presença de Musk no comício da AfD foi reverenciada pela plateia. Ele representa a volta e a permissividade dos discursos nazistas em uma das maiores redes sociais. A AfD pode não ser aliada da coalizão que se formará no Bundestag (parlamento alemão), mas já sabe que terá um parceiro de propaganda nos EUA.

A reascensão da extrema-direita

A extrema-direita, que estava adormecida com o fim da Segunda Guerra, só precisava de um momento oportuno para ressurgir: uma crise com o início do conflito armado entre a Rússia e a Ucrânia, no dia 24 de fevereiro de 2022. A Europa sofre uma crise energética em um cenário no qual os Estados são dependentes de importações de combustíveis fósseis (gás, petróleo e carvão mineral), tendo como principais exportadores a Rússia, os Estados Unidos e a Arábia Saudita. O continente se viu à beira de um precipício após enfrentar sanções enviadas pelo presidente russo, Vladimir Putin, já que a redução do fornecimento de gás causou um aumento histórico nos preços das contas de energia.

A Alemanha assistiu ao nascimento de protestos cheios de insatisfações como reflexos de sua crise. Para Pegoraro, essa é a brecha para a ascensão da extrema-direita. “A situação econômica não satisfaz o que as pessoas precisam.”

O povo alemão quer mudanças estruturais e a AfD buscou sanar, garantindo apoio da população. Escancarando a face

neonazista e pintando o imigrante como o causador da violência, falta de emprego e mudanças culturais, o partido fogueira boa parte da sociedade alemã. Apesar da crescente ultradireitista, outro partido ganhou relevância na Alemanha, o Die Linke (A Esquerda), mostrando o anseio do povo por transformações. Com Heidi Reichinnek como uma das principais lideranças, o partido renasceu entre os jovens, universitários e os mais escolarizados. Die Linke concretizou sua influência após reunir mais de sessenta mil pessoas nas ruas para se manifestarem contra o retorno da extrema-direita.



Manifestações contra a retomada da extrema-direita

O enfraquecimento do Cordão Sanitário

O cordão sanitário, como é chamado o movimento de exclusão da extrema-direita alemã, tem sido desafiado pelas últimas decisões do parlamento do país e, especialmente, pelas últimas eleições. Primeiro, há a concordância por parte dos demais parlamentares com o partido AfD para a aprovação de uma moção que endurece políticas migratórias, de acordo com a *DW*. Segundo, há o crescimento exponencial da AfD no parlamento.

No restante da Europa, houve tentativas de rompimento do cordão. A Itália é um exemplo ao eleger o fascismo como regente no século XXI. Isso condiz com o cenário mundial: tempos de crise, oficina da extrema-direita – a moda agora é o oportunismo.

Se o bode expiatório do governo Hitler era a população judia, vê-se que no século XXI é a população estrangeira. O historiador Luiz Eduardo Pegoraro analisa a situação dos imigrantes no país: “A imigração em massa vista nos últimos tempos se dá



Símbolos da AfD (Alternativa para Alemanha), o co-líder Tino Chrupalla e chanceler Alice Weidel confiantes acompanhando resultado após votação

pelo fato de que a Alemanha, juntamente à França, é a sustentadora da União Europeia. A economia robusta é um grande atrativo para aqueles que procuram entrar no país.”

A demanda por postos de trabalho na Alemanha é tanta que a população, em declínio quantitativo, não consegue mais preenchê-la, tornando necessária a importação de trabalhadores. O cerne da questão está na percepção do imigrante como um ladrão de empregos, do qual a presença já é motivo para o aumento da criminalidade no país. “O CDU/CSU compra a pauta da AfD de aumentar a fiscalização das fronteiras terrestres, tanto por ser uma pressão da população alemã, quanto por acreditar na pauta anti-imigração”, expõe o historiador.

O partido, considerado terrorista pela inteligência alemã, não deve fazer parte do grupo majoritário, assim o cordão segue mantido. Mas hoje, a AfD tem espaço no Bundestag e terá mais autonomia para aprovar leis e colocar suas ideias em circulação, segundo Tescarolo. “Não incomumente, trata-se de quem for mais sorrateiro em conseguir apoio de opositores.”

Os imigrantes na mira dos extremistas alemães

O partido com ações nazistas preocupa as minorias presentes na Europa. Pegoraro explica que “o antissemitismo sempre foi uma questão presente na Europa, já que a população de origem judaica é diaspórica e sempre foi vista como um elemento estrangeiro no continente europeu”.

Além da quase vitória de um partido que flerta com o nazismo ser apavorante para os judeus, a AfD adota uma postura anti-imigração e sugere até a deportação – inclusive de quem possui a cidadania – por considerá-los “culturalmente incompatíveis”. A AfD é acusada de promover xenofobia e intolerância, e está sob vigilância do Serviço Federal de Inteligência da Alemanha devido ao radicalismo.

A organização política vem se posicionando contra o multiculturalismo na Alemanha, alegando que “a ideia de uma sociedade multicultural fracassou”. Eles

defendem a proibição do uso da burca, da chamada para oração islâmica em locais públicos e da construção de novos minaretes (torres de mesquitas). Também propõem restringir o financiamento estrangeiro de mesquitas e submeter líderes religiosos islâmicos a processos de investigação estatal.

Passividade da imprensa?

O aumento do eleitorado conquistado pela AfD questiona o papel da mídia e do jornalismo diante das ameaças neonazistas, principalmente como ferramentas democráticas. A conquista dos votantes alemães não foi instantânea: houve um espaço tomado pelos discursos apelativos do partido que abordavam a população com efetividade. A forma com que a imprensa contextualiza esses discursos e forma as sinapses do episódio vivido é crucial, pois a perversidade neofascista se ocupa dessa zona entre comunicador e receptor para se adentrar na sociedade.

Apesar de continuar isolado no governo, é notável o aumento da popularidade do partido e da líder Alice Weidel. O cenário na Europa requer um zelo midiático especial, principalmente em um país com um passado que assombra o mundo até os

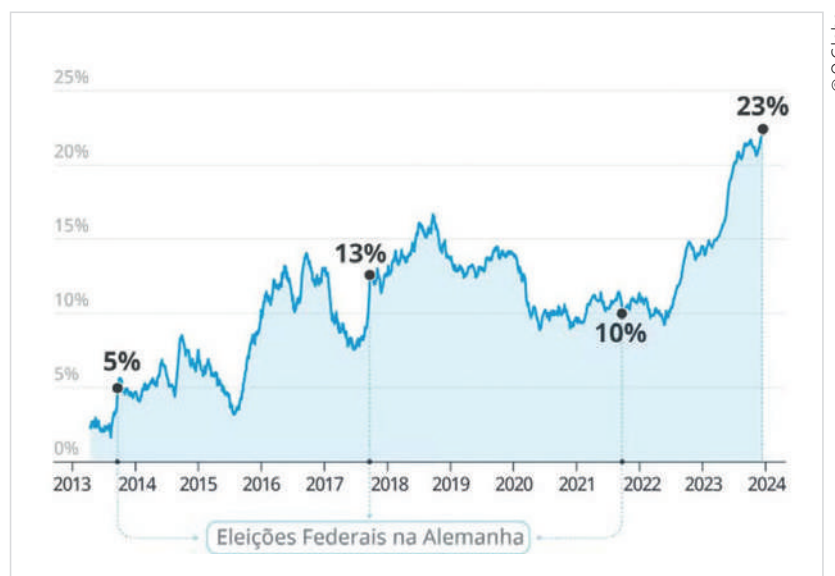
dias de hoje. A circulação de informações é uma máquina produzida e substituída diariamente que cabe ao jornalismo articular e mapear os acontecimentos, situando-os para o leitor.

A extrema-direita adquire boa parte dos apoiadores usando temáticas que servem de gatilho para alcançar os interesses. A carência estatal é usada como isca. A disseminação desses discursos, sem inseri-los num enquadramento, pode ajudar nessa ‘pescaria neonazista’. Não é novidade o uso desse mecanismo, porém, na era do bombardeio digital constante, o partido soube se adaptar bem.

O eleitorado

Dados da revista Terra mostram que a participação eleitoral no país em 2021 foi de 76,6%, com aproximadamente 47 milhões de eleitores comparecendo às urnas. Este número representou um aumento em relação às eleições anteriores, que desde 2013 (quando teve 71,5% de participação) não via tanta expressão, indicando um maior engajamento político da população. A idade média dos eleitores era de 52 anos, com a faixa etária de 70 anos ou mais representando 20,7% do eleitorado. A menor faixa etária, de 18 a 21 anos, correspondia a apenas 3,6% dos eleitores.

As novas eleições federais foram antecipadas devido ao colapso da coalizão governamental liderada pelo chanceler Olaf Scholz. O número de votantes atingiu um recorde: até as 13h do dia da votação, 52% dos eleitores já tinham votado, superando os 36,5% registrados no mesmo horário em 2021. Ao final do pleito, a participação total atingiu entre 83% e 84%, a mais alta desde a reunificação alemã em 1990.



Crescimento da AfD na Alemanha na última década

Ameaças e violações aos Direitos Humanos aumentam no Governo Trump

“Parece que estamos andando para trás de novo”, diz professora em relação às políticas do governo Trump

Por Guilherme Zago, Livia Rozada, Rafael Jorge, Rafael Pessoa e Sophia Aquino

Durante as eleições para a presidência dos Estados Unidos (EUA) em 2024, o programa eleitoral de Donald Trump, atual presidente do país, foi marcado por projetos contra os direitos humanos, que estavam em discussão desde o primeiro mandato do republicano, em 2017. Entre as metas governamentais estão a deportação de imigrantes do país e políticas contra grupos minoritários, como pessoas trans, e outros membros da comunidade LGBTQIAPN+.

Desde a campanha eleitoral, Trump mostrava insatisfação com as políticas externas do Governo Biden, e, por isso, põe como objetivo prioritário recuperar a economia estadunidense, que tem grande participação no cenário global.

Questões internas

Nos primeiros meses de 2025, após a posse à presidência, o republicano colocou em prática algumas das promessas eleitorais. Uma das políticas foi voltada para os direitos dos imigrantes, que foram os primeiros a serem violados. Conforme dados do Departamento de Segurança dos EUA, cerca de 37 mil imigrantes foram deportados do país em apenas um mês do mandato de Trump. Os programas públicos de integração aos migrantes, como é o caso do programa Diversidade, Equidade e Inclusão (DEI), também sofrem danos nas atividades por conta das políticas segregacionistas, que visam retirar direitos de pessoas transgênero, desrespeitar a cultura afro-americana e, por fim, afetar diretamente as manifestações “woke” (termo utilizado para definir pessoas, instituições e agendas progressistas) do país.

Em entrevista ao **Contraponto**, a professora de Seattle, Cassie Koscianski, mestre na área de liderança educacional, afirmou que as empresas e escolas que usam programas de inclusão estão sofrendo ameaças do governo para retirarem esses projetos para que possam ser elegíveis a receber financiamento do governo. “Ele [Trump] definitivamente está usando a ameaça para chegar nas pessoas”. Em fevereiro, o departamento de educação do governo lançou o portal com o nome *end DEI* (em português, acabar com o DEI) para que pais possam denunciar tópicos ensinados em escolas que não seriam “apropriados” para os alunos. “A educação está nas mãos do Estado, por isso precisa de financiamento”, acrescenta Koscianski.

Trump, em mais uma investida ao tentar deixar o cenário mais parecido com o de 2016, busca espalhar a desinformação pelos EUA. Ação, a qual foi fundamental no primeiro mandato, uma vez que, segundo apuração feita pelo Washington Post, o presidente já publicou mais de 20 mil declarações falsas desde que assumiu pela primeira vez o posto de presidente. Nesse contexto, o presidente se alinhou com os donos das *Big Techs*, grandes empresas no ramo da tecnologia como Amazon, Google e Microsoft, a fim de controlar as informações.

Com base no conceito de “liberdade de expressão”, o republicano coloca em prática a disseminação em massa de *Fake News*, de forma que o controle populacional passa a ser mais acessível e, portanto, quaisquer que sejam os planos dele, se torna mais fácil de serem justificados ou até mesmo escondidos da grande mídia. Todos os dias, cidadãos americanos são bombardeados por notícias que apoiam as decisões do atual presidente, destacando suas conquistas como o fim das políticas e fronteiras. Essa disseminação se dá principalmente pelo uso das *Big Techs*.

Por outro lado, há outros jornais que mostram o viés humano da questão da imigração, por meio de histórias de famílias de imigrantes e os benefícios para a economia estadunidense. Ainda assim, é complexa a situação criada pelo quadro de desinformação generalizada. “Acho que muitas pessoas estão mal informadas, há muita ignorância, elas não se mantêm atualizadas, elas se concentram demais em uma pequena questão, tão simples quanto a economia, como um motivo para votar em Trump”, afirma Koscianski.

A aproximação entre Estado e grandes veículos midiáticos põe em destaque o posicionamento político de ambos os lados, uma vez que, diversos pronunciamentos e postagens vindos do atual presidente, como também de Elon Musk, conselheiro Sênior da Casa Branca, remetem a apologias e saudações nazistas. Uma delas foi divulgada pelo presidente, a qual se refere a um símbolo usado por quem seguia a ideologia alemã, em sinal a perseguição



Manifestantes no comitê nacional republicano milwaukee

aos gays e transexuais. Diante disso, a intolerância de Trump às minoridades torna a discriminação o ponto fundamental do atual governo norte-americano.

Políticas econômicas internas

Para tentar manter a economia estável, Trump apoia a não política de sustentabilidade das empresas estadunidenses. Mesmo que outros países não sigam as normas discutidas em reuniões como o Acordo de Paris. O presidente faz questão de ignorar as regras estabelecidas de tais contratos. Durante a primeira posse até o último ano de mandato, em 2021, o republicano revogou mais de 100 regras ambientais, dentre elas a derrubada das áreas de proteção de espécies em extinção, com o objetivo de aumentar a área de exploração de petróleo.

Neste ano, foram anunciadas mais de 30 desregulamentações das medidas ambientais decretadas pela Agência de Proteção Ambiental (ETA). No dia 12 de março, a organização revisou a norma da usina de energia limpa, visando flexibilizar a ação de indústrias com combustíveis não renováveis. Como também a adoção de medidas de reversão de um estudo de 2009, que enfatiza os problemas causados pelos gases estufa na saúde pública.

Guerra contra os wokes

Com uma política conservadora, Trump cria uma “guerra cultural”. Durante a semana do dia 20 de janeiro de 2025, o representante dos EUA, por meio de decretos e depoimentos, discrimina a parcela minoritária de seu país. Os imigrantes foram os primeiros a serem afetados com a perda do direito à cidadania por nascimento nos EUA, encerramento do programa de “permissão humanitária” e a anunciada deportação de imigrantes

© Leon Neal/Getty Images

sem documentos. Além disso, os transexuais também perderam seus direitos em cargos em setores públicos (Forças Armadas), privados (empresas como Google e Amazon encerraram seus programas de integração) e isentos a qualquer tipo de apoio do governo à inclusão dessas pessoas. Trump afirmou que permitiria apenas dois sexos em seus governos (masculino e feminino), ou seja, sem banheiros para pessoas que se identificam com outros gêneros. Além disso, Trump culpa os antigos presidentes de deixarem uma “identidade ilegal”, acabando com os “valores americanos tradicionais”, com “a administração ilegais e imorais, conhecidas como diversidade, equidade e inclusão”.

Contrapondo as investidas conservadoras do republicano, surgiu um movimento chamado Agente Woke, que se pauta na luta por uma mobilização social de inclusão e equidade no meio social dos EUA. Por conseguinte, cria-se, dentro do próprio país uma guerra de culturas, entre os *wokes* e os *anti-wokes* (aliados e opositores as ideologias republicanas de Trump).

Outro grupo minoritário afetado pelas políticas segregacionistas do atual representante da Casa Branca são os negros. No início do mês de fevereiro, o Departamento de Defesa anunciou que qualquer evento norte-americano relacionado a história afro-americana terá seus custos cortados pelo governo. Portanto, a população negra que mora no país não poderá celebrar as memórias de seus antepassados por conta de decisões governamentais em cortar verbas dos eventos internos, como os meses da História das Mulheres, Orgulho e da Herança Indígena.

Conflitos externos

Diante das opiniões emitidas por Trump percebe-se um descaso com a vida humana, tanto no território em que governa como no resto do mundo. Um exemplo foi o vídeo feito por Inteligência Artificial (IA) publicado pelo presidente nas redes sociais no dia 25 de fevereiro. O republicano inicia o vídeo com a frase “GAZA 2025 WHAT IS NEXT?” (o que vem depois?). Para ele, o que estaria vindo a seguir seria algo como um santuário ou riviera de Gaza.

A publicação conta com dançarinas barbadadas, uma estátua de ouro de Trump, Elon Musk comendo pratos tradicionais do Oriente Médio e jogando dinheiro para o alto. O vídeo acaba com a cena do presidente dos EUA e o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, bebendo próximos a uma piscina, isso tudo, acompanhado pela música de fundo em inglês sobre como o republicano vai libertar Gaza.

Charge “trump gaza” brincando com a frase modificada de martin luther king “I have a dream”- feito por Rafael Pessoa

O governo de Trump foi o responsável pela prisão de um dos chefes dos protestos a favor da Palestina. No dia 8 de março, Mahmoud Khalil foi preso por agentes americanos na própria residência. De acordo com a advogada do estudante, Amy Greer, os funcionários tinham ordens para revogar o visto dele, e o levaram sob custódia para um local indeterminado. A defesa também declarou que a equipe jurídica não sabe onde ele atualmente está detido.

Depois de ser informada que Khalil foi transferido para uma unidade do Serviço de Imigração e Alfândega dos EUA em Elizabeth, Nova Jersey, a esposa do estudante foi visitá-lo, mas foi informada de que ele não estava detido naquela unidade.

Uma atitude de extrema relevância de Trump foi a de retirar os EUA do conselho de Direitos Humanos da ONU (Organização das Nações Unidas), em fevereiro, mesma medida que ele tomou durante o primeiro mandato. O republicano cita que várias organizações da ONU demonstram um preconceito “anti-americano”.

Junto a essa decisão, também se manteve a suspensão do financiamento para a Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Médio Oriente (UNRWA), uma instituição da ONU criada em 1949 para os refugiados palestinos. A agência é fundamental para benefícios na educação, saúde e infraestrutura. A atitude também foi vista como uma aproximação de Trump com Netanyahu.

O atual chefe da Casa Branca afirma que a única solução para os palestinos que

estão vivendo na faixa de Gaza é deixar o lugar. Uma das ideias do republicano é realocar os palestinos para alguns países próximos a Gaza, como Jordânia e Egito, que já rejeitaram a ideia. “Reconstruir Gaza sem deslocar os palestinos e abordar a terrível situação humanitária deve ser a prioridade de todos”, afirmou o rei da Jordânia, Abdullah II. Um dos enviados de Trump no Oriente Médio, Steve Witkoff, disse que o processo pode levar anos, e que enquanto isso os palestinos precisam se refugiar em algum lugar.

A ideia foi mal vista em Gaza, Egito, Jordânia e Arábia Saudita e em vários lugares ao redor do mundo, por violar o direito básico dos palestinos. Países vizinhos constantemente recebem refugiados da Palestina. Na Jordânia, por exemplo, segundo a United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees (UNRWA), há mais de 2,39 milhões de refugiados palestinos registrados, o maior número de todos os campos da organização.

Não é a primeira vez que Trump tem atitudes agressivas na região do Oriente Médio. Antes de assumir a presidência, o republicano fez um alerta contra o Talibã. Em 2021, o então chefe da Casa Branca, Joe Biden, retirou as tropas norte-americanas do Afeganistão, após uma ocupação que durou mais de 20 anos. Com essa medida, o Talibã conquistou armas deixadas pelos EUA e reforçaram seu exército. Estima-se que cerca de 7 bilhões de dólares em equipamentos foram deixados no local. A ideia de Trump é recuperar os equipamentos militares. O presidente americano criticou a forma como os agentes dos Estados Unidos deixaram o local, e diz que não ajudará o Afeganistão se o armamento não for devolvido.



“Trump Gaza” brincando com a frase modificada de martin luther king “I have a dream”

Super Bowl revela crise do governo americano

Show de intervalo enfatiza problemas no segundo mandato de Donald Trump na Casa Branca

Por Gabriela Blanco, Manuela Schenk e Nicolas Beneton

A final do campeonato de futebol americano, conhecida como Super Bowl, é o evento mais televisionado dos Estados Unidos. Além dos cerca de 127 milhões de espectadores deste ano, de acordo com o instituto Nielsen, o evento contou, pela primeira vez, com a presença de um presidente: Donald Trump. O show de intervalo, apresentado pelo rapper Kendrick Lamar, trouxe críticas às medidas adotadas pelo governo estadunidense, encabeçado pelo atual chefe de Estado.

Super Bowl vs. Trump

Apesar de o Super Bowl ser um evento de grande proporção e do esporte mais popular do país, Donald Trump foi o primeiro presidente em exercício a comparecer à partida. Sua presença foi notada principalmente durante a execução do hino nacional, o que gerou reações divididas do público: parte aplaudiu, enquanto outra vaiou ao ver Trump no telão do estádio.

Uma declaração curiosa sobre a presença do presidente no jogo veio do jogador do Kansas City Chiefs, Travis Kelce. Em entrevista pré-jogo, Kelce afirmou ser uma honra jogar para o presidente, independentemente de quem fosse. A fala do *tight end* ganhou ainda mais notoriedade por seu relacionamento com a cantora pop Taylor Swift, que, por diversas vezes, criticou Trump e demonstrou apoio ao Partido Democrata.

Em entrevista ao **Contraponto**, Euclides Cunha, historiador e colunista da Revista Ópera, explica que, devido à força e dimensão da indústria cultural estadunidense, muitos artistas acabam tendo sua voz amplificada, com maior poder de disseminação de ideias e mobilização. “Penso que os cálculos de Trump eram de que ele

estivesse no centro das atenções pela própria presença, mas ele fez isso de maneira reativa, por aquilo que precisou ouvir”, afirmou Euclides.

Representando o *Uncle Sam*, personificação do capitalismo, o ator Samuel L. Jackson fez alusão ao slogan *Make America Great Again*, usado por Trump em sua campanha eleitoral. O ator ironizou a ideia de que a arte deve seguir as regras do “jogo” e que qualquer crítica ao atual governo deve ser silenciada.

Caio Sabbag, formado em Relações Internacionais pela PUC-SP, explica que a disseminação desse tipo de discurso pode ser perigosa dependendo de como os cidadãos o interpretam e aderem a essa narrativa. “Você coloca em xeque a imparcialidade da população, restringindo a forma como seus eleitores percebem e reagem às informações”, avalia Sabbag.

População vs. Trump

Pouco mais de um mês após tomar posse, o novo governo Trump enfrenta rejeição de parte da população. As críticas são, em sua maioria, voltadas à economia. Durante a campanha, Trump prometeu combater a inflação, mas a opinião pública não acredita que essa promessa esteja sendo cumprida. Uma pesquisa da CBS News aponta que 66% da população considera que a tentativa de reduzir a inflação não vem sendo bem conduzida.

Sabbag sustenta esse argumento ao afirmar que as políticas anunciadas por Trump nas campanhas não são implementadas na prática. “Trump é um *businessman*, um *showman*. Ele gosta de interpretar esse personagem que está sempre fazendo um espetáculo para seus eleitores e para a parcela da comunidade política que o apoia”.

A história dos Estados Unidos é marcada por segregação social e pelo fácil apelo a discursos de “nós contra eles”. A retomada de discursos de ódio contra imigrantes e minorias étnicas propagados pelo presidente está refletindo diretamente na economia do país e na opinião pública sobre ele. Os imigrantes representam cerca de 20% da força de trabalho nos EUA, segundo pesquisa realizada pela Embaixada dos Estados Unidos no Brasil no ano passado.

Euclides Cunha relembra que, no primeiro mandato, Trump não adotou tantas políticas contra imigrantes quanto fazia parecer em sua campanha.

Governos democratas, como os de Joe Biden e Barack Obama, tiveram estatísticas de deportação superiores às do atual presidente. “A diferença é que Trump eleva essa questão ao status de bandeira de governo e de mobilização. Ele transforma isso em um fato político e de marketing”, explica o historiador.

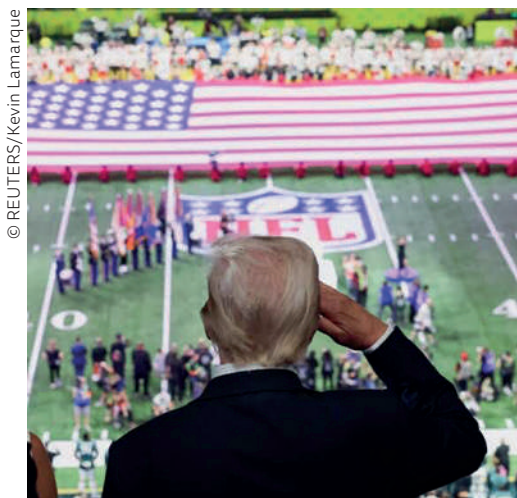
Um movimento observado recentemente nos Estados Unidos é a redução no número de imigrantes cruzando as fronteiras, legal ou ilegalmente. Caio Sabbag avalia que um dos motivos pode ser o medo de investir recursos na tentativa e fracassar, além do receio de sofrer ataques xenofóbicos tanto no mercado de trabalho quanto no dia a dia.

Artistas vs. Trump

Após o fracasso do governo Joe Biden na economia dos Estados Unidos, com inflação próxima de 2%, segundo o *US Bureau of Labor Statistics*, a necessidade de mudanças na gestão tornou-se uma demanda popular. Tanto republicanos quanto democratas passaram a buscar novas alternativas políticas, mas a escolha de Kamala Harris como candidata ocorreu tardiamente. Inicialmente, as campanhas incentivavam a reeleição de Biden, mas a insatisfação popular e as crises socioeconômicas levaram o partido a mudar de estratégia.

A mobilização pelo voto envolveu a participação de artistas. Taylor Swift, Beyoncé e outros nomes mundialmente conhecidos declararam apoio a candidatos democratas. Kendrick Lamar não se manifestou politicamente durante as eleições, mas, em sua performance no Super Bowl, deixou claro seu posicionamento. “*The revolution is about to be televised. They pick the right time, but the wrong guy*” (*A revolução está prestes a ser televisionada. Eles escolheram o momento certo, mas a pessoa errada*).

A presença de Trump no Super Bowl nos lembra o quanto o presidente sempre busca o holofote a qualquer custo, procurando ser o principal assunto da mídia, seja de forma positiva para seus apoiadores ou negativa para seus detratores. Porém, isso não mascara a rejeição que marca o início de seu segundo mandato. Essa insatisfação pode ser notada tanto em protestos explícitos da população contra as medidas mais radicais da Casa Branca quanto em críticas mais sutis, como as feitas no show de Kendrick Lamar. A revolta também pode vir até mesmo de antigos aliados de Trump, que, ao observar as medidas adotadas após sua posse, passaram a reconsiderar seu apoio.



Donald Trump no camarote durante o Super Bowl

O que explica o aumento no preço dos alimentos?

Como o modelo agroexportador brasileiro e as mudanças climáticas estão relacionados com a inflação no valor da cesta básica



© Beatriz Lima

Feirante destaca o impacto da subida nos preços em suas vendas no bairro Perdizes, em São Paulo

Por Anna Cândida Xavier, Camila Bucoff, Cecília Leite, Julia Barbosa e Julia Naspolini

A população brasileira sentiu o bolso pesar com o aumento no preço dos alimentos do cotidiano. Itens básicos da cesta de consumo ficaram significativamente mais caros nos últimos anos, e diversos fatores contribuem para esse cenário, desde questões climáticas até a estrutura da economia agroexportadora do país. Desde 2020, a inflação dos alimentos acumula alta de aproximadamente 55%, enquanto a inflação média ficou em 33,4%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ou seja, a alta dos preços dos alimentos foi consideravelmente maior que a inflação geral, refletindo diretamente no custo de vida da população e evidenciando um desequilíbrio no mercado agrícola.

Quanto à inflação dos alimentos em 2024, o IBGE informa que terminou em 4,83%, de acordo com o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), principal indicador no Brasil. Utilizado pelo Banco Central para controlar e monitorar a política monetária, o índice mede a variação dos preços de consumo da população em 13 regiões metropolitanas do país. A inflação de 2024 ultrapassou o teto de 3% da meta estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e neste período o grupo de Alimentos e Bebidas teve alta de 7,69% nos preços, representando mais da metade do índice, com variação de 1,63 pontos percentuais.

Já em janeiro de 2025, a inflação geral fechou em 0,16%, a menor variação para o mês desde a criação do Plano Real em 1994. O acúmulo nos últimos doze meses totalizou 4,56%, sendo 0,27% menor que em dezembro de 2024. A principal explicação apontada pelo IBGE é a queda de 14,21% nos preços médios da energia

elétrica residencial em janeiro, devido à incorporação do Bônus de Itaípu nas faturas, que contribuiu com um impacto negativo de 0,55 pontos percentuais no IPCA total.

Apesar disso, os setores de Transportes e de Alimentação e Bebidas continuam pressionando a inflação geral, que subiu para 1,31% em fevereiro de 2025. O primeiro teve alta de 1,3% nos preços em janeiro, com impacto de 0,27 pontos percentuais no IPCA, e o segundo aumentou 0,96%, com impacto de 0,21 pontos percentuais. Dentre os alimentos com maior alta estão o café (50,35%), o óleo de soja (24,55%), as carnes (21,17%), a laranja-lima (59,56%) e a pera (34,52%).

Embora o aumento no preço dos alimentos tenha impacto generalizado, a população de baixa renda é a mais prejudicada. “Quanto menor o poder aquisitivo da família, maior a proporção de gastos em alimentos em relação aos gastos gerais. Quando o preço do alimento sobe, afeta principalmente os grupos sociais de menor rendimento e que estão em maior vulnerabilidade”, explica Valter Palmieri

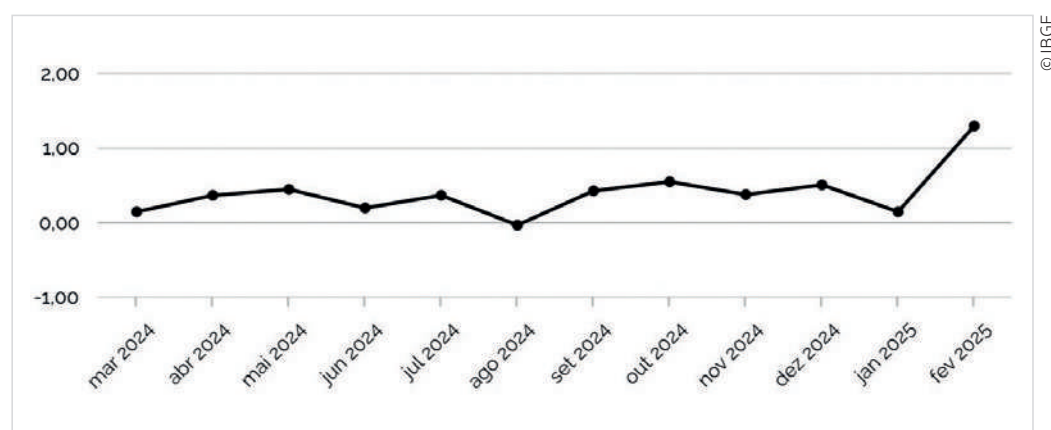
Jr, professor de economia e doutor em desenvolvimento econômico pela UNICAMP.

Diante dessa problemática, o governo federal tomou medidas para tentar conter a inflação dos alimentos. A partir do dia 14 de março, o imposto de importação foi zerado para carne, café, açúcar, milho, azeite, óleo de girassol, óleo de palma, macarrão, biscoitos e sardinhas. Além disso, o Plano Safra – programa estatal para financiamento rural que visa ajudar produtores agrícolas – priorizará a produção para o mercado interno de itens que compõem a cesta básica, aumentando a oferta de alimentos e reduzindo os preços.

Outra medida que será implementada até 2026 é a ampliação do Sistema Brasileiro de Inspeção de Produtos de Origem Animal (SISBI-POA). Isso permitirá que produtos como leite, mel, ovos e carnes inspecionados em municípios e estados possam ser vendidos em todo o território nacional. A expectativa é que, com isso, haja mais competitividade e redução de custos no setor de proteína animal. Ademais, o governo pretende fortalecer os estoques públicos de alimentos básicos da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), na tentativa de garantir oferta e estabilidade no preço em momentos críticos.

Economia agroexportadora

O Brasil é o maior produtor de café e soja do mundo, além de produzir mais carne do que consome, segundo a CONAB. Isso reflete na ocupação de um terço do território nacional pelo agronegócio, com mais da metade sendo de pastagens, de acordo com dados da plataforma MapBiomas de 2023. Em relação às lavouras de grãos e cana, a ocupação é de atualmente 7% do território nacional, e dos 58,7 milhões de hectares responsáveis por estes cultivos, 35 milhões estão voltados para a produção de soja, que está majoritariamente destinada à ração para animais de abate.



Variação mensal do IPCA nos últimos 12 meses

© IBGE

No entanto, ser o maior exportador desses produtos é um dos grandes fatores que explicam a alta nos preços dos alimentos. Segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (Cepea-USP), o agronegócio foi responsável por 23,5% do PIB brasileiro em 2023, uma parte considerável da economia. Mas, para Catia Grisa, socióloga agrônoma e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), existe um histórico de priorização da produção de commodities – o termo se refere às matérias-primas negociadas em larga escala no comércio internacional e com valor fixado em dólar – para exportação no Brasil em detrimento de alimentos para o mercado interno.

“Preços internacionais atrativos, taxa de câmbio atrativa para as exportações e todo um arranjo de sistema financeiro e organizações políticas orientados principalmente para as commodities contribuem para esse cenário”, afirma a professora.

À medida que produtores voltados para o mercado interno optam por cultivos mais lucrativos, destinando maior parte das terras para o milho, soja e cana-de-açúcar, a oferta de produtos alimentícios diminui, conseqüentemente levando ao aumento do custo para a população. Além disso, a variação de preços dessas mercadorias também afeta o consumidor. Quando valorizadas no mercado, aumentam o custo de produção de ração, por exemplo, influenciando no preço das carnes, ovos e leite.

De acordo com dados da Comex Stat, portal de estatísticas sobre o comércio exterior, o país exportou 202,7 milhões de toneladas de alimentos em 2024, quase o dobro do volume registrado há dez anos e quase quatro vezes mais do que há vinte anos. Dessa quantia, a maior parte é composta por soja, milho, açúcar e carnes, totalizando 91,8%.

Para Palmieri Jr. os beneficiados são os grandes proprietários de terras, que lucram com a exportação desses produtos enquanto o mercado interno se vê cada vez menos amparado e pagando mais caro

pelos alimentos. “O Brasil tem muita terra agricultável. Isso significa que se tivéssemos soberania alimentar, seríamos um dos países do mundo menos afetados pela inflação de alimentos, mas ocorre exatamente o contrário.”

O impacto climático

Outro fator fundamental para a inflação dos alimentos são as mudanças climáticas. Um grande exemplo foi a tragédia que atingiu o Rio Grande do Sul no final de abril de 2024, provocada pelas fortes chuvas, com municípios inteiros submersos, incluindo regiões onde se concentravam produções de arroz e soja que ficaram gravemente comprometidas. Além das perdas nas plantações, o agronegócio gaúcho, responsável por cerca de 70% do consumo de arroz no Brasil, enfrentou problemas logísticos com estradas e centros de distribuição afetados. Diante da crise, com o objetivo de evitar o aumento no preço do cereal para o bolso do consumidor, o governo brasileiro importou 75 mil toneladas de arroz da Tailândia.

Contudo, é justamente o modelo agro-exportador brasileiro o grande causador das mudanças climáticas. O Observatório do Clima indica que, em 2021, quase 74% das emissões de gases de efeito estufa no Brasil foram decorrentes da forma como é organizado o sistema agroalimentar. Para Verônica Santana, coordenadora do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais, os impactos climáticos estão sendo tratados mundialmente com “falsas saídas”. “Priorizam os grandes projetos com discurso de sustentáveis e renováveis, quando na verdade expulsam os povos dos seus territórios, geram vários tipos de violência e destroem os modos de vida que têm enfrentado as mudanças climáticas.”

A crise climática está diretamente relacionada à concentração produtiva em determinadas regiões, afetando a economia não só do Brasil, mas do mundo todo. Nos últimos dois anos, houve problemas no cultivo de cacau devido às fortes chuvas seguidas de seca na Costa do Marfim e em Gana, países responsáveis por 60% da produção mundial do fruto, segundo dados da ApexBrasil. Isso afetou diretamente a oferta mundial, elevando o preço de produtos derivados, como o chocolate.

A Europa também foi afetada recentemente em decorrência das fortes secas na Espanha, responsável por 45% da produção de azeite para consumo mundial. O valor do produto no Brasil, por exemplo, sofreu um aumento de 45,46%

entre fevereiro de 2023-24, segundo dados da Fundação Instituto de Pesquisa Econômica (FIPE).

Diante disso, Grisa explica que são justamente as grandes propriedades de terras orientadas para a dinâmica do agronegócio e da exploração irresponsável dos recursos naturais que mais contribuem para a emissão de gases do efeito estufa, algo que precisa mudar. “É na agricultura familiar que temos maior mobilização das práticas e das dinâmicas agroecológicas que, por sua vez, são muito mais sustentáveis. É lá que vamos encontrar diversificação produtiva e sistemas agroflorestais que se mostram também muito mais resilientes e contribuem tanto para a mitigação, como para a adaptação”, explica.

De acordo com o Anuário Estatístico da Agricultura Familiar divulgado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (CONTAG) no ano passado, a agricultura familiar brasileira, caso fosse um país, seria a oitava maior produtora de alimentos do planeta. O IBGE ainda calcula que cerca de 70% dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros, como feijão, arroz, milho e batata são provenientes de produções familiares.

Santana acrescenta que a agricultura familiar defende e pratica os princípios da agroecologia na produção de alimentos, e na construção de uma agenda política que traga uma nova lógica para a construção de uma sociedade do bem viver. Ou seja, combate as mudanças climáticas e a inflação.

Apesar de ocuparem apenas 23% do território agropecuário, os 3,9 milhões de estabelecimentos familiares geram 10,1 milhões de empregos no campo, o que corresponde a 67% dos trabalhadores em atividade, sendo assim a principal empregadora no campo brasileiro. Dados do anuário também mostram que a agricultura familiar responde por 40% da renda da população economicamente ativa de 90% dos municípios com até 20 mil habitantes e é responsável por mais de um quinto do valor bruto da produção agropecuária nacional de acordo com os dados do Censo Agropecuário de 2017, o último realizado pelo IBGE.

No entanto, a agricultura familiar é também a mais vulnerável às mudanças climáticas, ressaltava Grisa. “Desde pequenos agricultores, assentamentos da reforma agrária, quilombolas, comunidades indígenas e tradicionais, uma parte importante da agricultura familiar já se encontra em situação de maior fragilidade social, com poucos recursos, pouco acesso à terra, não tem a garantia dos seus territórios, já vive em situações de conflito com o agronegócio, com maiores fragilidades dos recursos naturais e da biodiversidade do seu entorno”, aponta.



© Anna Cândida Xavier

Agronegócio: desmatamento e exportação

Conheça o Gavião Kyikatejê, exemplo de resistência no futebol

Primeiro time indígena profissional do mundo representa a cultura e força dos povos originários no Campeonato Paraense

Por Martim Tarifa, Victoria Rodrigues e Vítor Nhoatto

A história do Brasil é marcada pela discriminação e apagamento cultural de grupos sociais, como negros, mulheres e indígenas, algo que também se reflete no esporte. O termo “futebol de índio” era frequentemente utilizado para definir um time de maneira pejorativa. Porém, o Gavião Kyikatejê Futebol Clube surge para ocupar esse espaço historicamente segregado.

O clube tem sua origem no estado do Pará, na pequena cidade de Bom Jesus do Tocantins, a cerca de 500 km da capital, Belém. Fundado por Pepkrakte Jakukreikapiti Ronore Konxarti, conhecido como Zeca Gavião, cacique da aldeia Kyikatejê-Gavião, é o primeiro time de futebol indígena a competir profissionalmente no mundo. Sua história começou na década de 1980, quando ainda era o Castanheira Esporte Clube, time da cidade de Marabá (PA), que foi tricampeão do campeonato municipal.

Em 2007, os direitos do time foram adquiridos pelo povo Gavião, mas o nome se manteve, pois a liga Marabaense não permitia menção a etnias. No ano seguinte, o clube conquistou o título no Campeonato Marabaense, o que aumentou a motivação para sua profissionalização. Em 2009, esse desejo se tornou realidade: junto a Federação Paraense de Futebol (FPF), o clube foi certificado como profissional e renomeado para Gavião Kyikatejê Futebol Clube. A escolha exalta a aldeia, que significa “povo do rio acima” no dialeto Kyikatejê.

O fundador do clube explicou, em entrevista ao **Contraponto**, que faltavam oportunidades e representatividade para as comunidades indígenas dentro dos clubes brasileiros. “Muitas vezes tem acontecido do jogador indígena querer jogar no profissional e não ter oportunidade. Os grandes times e clubes do estado do Pará não querem formar jogador, e foi aí que tive a ideia de criar o Gavião Kyikatejê Futebol Clube”.



© Museu Virtual do Futebol

Escudo remete a ponta de uma flecha e as cores preto e vermelho fazem referência às pinturas corporais do povo Gavião Kyikatejê

Histórico profissional

O Gavião Kyikatejê disputou sua primeira competição oficial em 2009, logo após obter o certificado de Autorização para a Prática do Futebol Profissional pela FPF. A equipe participou da segunda divisão até 2013, quando conquistou o acesso à elite do futebol paraense ao ser vice-campeã na final contra o Time Negra, atual Carajás Esporte Clube.

Na aguardada estreia na Série A do “Parazão”, em 2014, o time perdeu para o Paysandu por 2 a 1, mas fez história ao marcar seu primeiro gol na elite estadual. Com uma comissão técnica formada totalmente por indígenas, o primeiro gol da equipe na elite estadual foi marcado pelo atacante Aru, e com pinturas indígenas pelos braços entrou para a história do clube. O seu desempenho na temporada o consagrou como artilheiro, com dez gols, e ídolo da torcida.

Comandado por Zeca Gavião, o time terminou a competição em oitavo lugar e precisou disputar a Taça ACLEP (Associação dos Cronistas e Locutores Esportivos), em 2015, para se manter na série A. No entanto, a campanha não foi como esperado, e mesmo com a passagem relâmpago do ex-jogador e técnico colombiano Antonio Palácios, o Gavião ficou em nono na classificação geral e foi rebaixado do Campeonato Paraense.

Nos anos seguintes, o Gavião Kyikatejê passou por uma fase difícil. No início de 2018, a morte do artilheiro Aru foi outro ponto que afetou o time, taticamente e emocionalmente, e a camisa que usava, número 9, foi aposentada. O resultado no campeonato foi um 11º lugar, mas a persistência do time fez o jogo virar.

A temporada de 2020 na série B começou com derrota para o Parauapebas por 2 a 1, mas a recuperação veio em seguida, e o clube se classificou para as quartas de final. Na semifinal, passou pelo São Francisco e, enfim, voltou à sonhada primeira divisão, ao chegar à final contra a Tuna Luso. Apesar de ter perdido para o terceiro maior campeão paraense, mais uma vez os indígenas chegaram à elite.

Em 2021, o Gavião foi eliminado ainda na fase de grupos e acabou rebaixado, destacando as dificuldades do time, sem patrocínios, diante dos mais ricos da liga. Em 2023, terminou a Série B em 14º lugar. Com a criação da terceira divisão (Série B2) pela FPF, o time precisaria chegar à final em 2024 para evitar nova queda. No entanto, isso não ocorreu, e hoje o clube disputa a “Terceirinha” do Parazão.

© Felipe Borges



Corrida de toras é prática tradicional na aldeia dos Gavião Kyikatejê e é usada como forma de preparo e treinamento pelo time

Futebol como espelho do país e seus problemas

A trajetória do Gavião Kyikatejê foi marcada por altos e baixos, com mais períodos de dificuldade do que alegrias. Foram apenas três anos na série A, diante de doze na série B. Isso representa como o futebol – apesar de ser um esporte muito popular – replica as desigualdades sociais e o racismo estrutural do Brasil, como explica Joselene F. Mota, professora da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Pará (UFPA) e vice-líder da Linha de Estudos e Pesquisas em Educação Física, Esporte e Lazer (LEPL), também da UFPA.

“O futebol profissional é o grande reflexo das relações que são construídas com os pilares do modo de produção capitalista, que gera uma desigualdade e deixa de ser democrático, já que as condições não são iguais, nunca foram iguais, nem para negros e negras, nem para indígenas e nem para mulheres”, afirma ela.

Historicamente, as regiões do Brasil foram diferentemente exploradas e segregadas. A concentração econômica no Sudeste e Sul também impacta o futebol. No Brasileirão, 15 dos 20 times da Série A são dessas regiões, enquanto não há representantes do Norte e Centro-Oeste. O Pará, quarto pior estado em Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) segundo o Atlas Brasil 2021, sofre com a falta de investimento. “O futebol indígena é reflexo dessa desqualificação, de lugar pouco visibilizado e com pouco investimento no esporte, saúde e educação”, completa Mota.

As condições dos times de elite são muito diferentes da realidade de clubes pequenos como o Gavião, seja em relação à infraestrutura, renda, ou projeção na mídia, algo essencial para a manutenção

e aperfeiçoamento de uma equipe. Segundo levantamento da empresa de consultoria 'Convocados', em 2024, as principais fontes de renda dos times profissionais no Brasil são os direitos de transmissão e os seus patrocínios e publicidades, o que o Gavião não possui.

A transmissão das partidas do Paraíso B2 não teve interessados, e Anderson Santos, doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB), destaca que o valor midiático dado aos times é diferente e centralizado. Há mais visibilidade para regiões como São Paulo e Rio de Janeiro. "As cabeças-de-rede de TV, as matrizes dos principais sites nacionais têm sede nesses dois estados, com pouca repercussão do que vem de fora".

Em fevereiro deste ano, uma campanha foi iniciada nas redes sociais do time, solicitando ajuda aos seus mais de 12 mil seguidores no Instagram. Foram utilizadas frases de afirmação e pedidos diretos de apoio como: "Um dia a gente parou pra pensar: por que time indígena não tem patrocínio?", "Time indígena tem manto sagrado", "Time indígena tem torcida apaixonada" e "Bora ajudar o Gavião a conseguir um fornecedor esportivo?".

O retorno da campanha foi positivo, emissoras como Band e Globo falaram sobre o clube, e o banco Banpará se tornou a primeira marca a estampar o uniforme Gavião. Helder Barbalho, governador do estado, anunciou a medida, além de um apoio direto no valor de R\$100 mil reais.

Além dos desafios financeiros, o clube enfrenta impactos ambientais. Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), em 2024, os focos de queimadas em terras indígenas da Amazônia atingiram o maior índice em 20 anos, afetando a aldeia Kyikatejê-Gavião. Segundo levantamento

do Greenpeace, o Pará é o estado com mais unidades de conservação afetadas pelo garimpo ilegal e com a maior área afetada por queimadas, totalizando 7,3 milhões de hectares, 24% do território.

Impacto para além do campo

Os desafios são muitos, mas a resiliência indígena é ponto de destaque para o Gavião Kyikatejê, que continua lutando para se manter no futebol profissional. O presidente do clube destaca os efeitos que o futebol teve para a juventude indígena. "No início, eu achava que seria um impacto destruidor para a nossa cultura e identidade, mas hoje vejo que foi um impacto bom para a comunidade, envolvendo a juventude e prevenindo de irem para outros caminhos errados".

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o esporte vai muito além do impacto físico e psicológico, sendo uma importante ferramenta social e um direito universal. A prática esportiva promove a inclusão social e o combate a preconceitos e a criminalidade, ao captar jovens em vulnerabilidade.

Somado às condições econômicas e todo o apagamento histórico dos povos originários, o Gavião é um meio importante de desenvolver e impulsionar a população indígena. O clube possui ainda, para além do time principal, equipes sub-15, sub-17 e sub-20 no masculino, além de uma equipe feminina profissional criada em 2002, com um elenco majoritariamente composto por mulheres indígenas.

Em 2019, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) passou a exigir que

© Gavião Kyikatejê



Zeca Gavião destaca o objetivo de ter novamente equipes totalmente indígenas e expandir o time feminino para as categorias de base

clubes da Série A tivessem times femininos, obrigatoriedade que será estendida a todas as divisões em 2027. No entanto, para o Gavião, a iniciativa se destaca por ter o objetivo de trazer evidência e oportunidade também às meninas que sonham em ser profissionais. Marta Myixa Karajá, ex-jogadora do time e nativa do povo Karajá Xambioá, relembra a oportunidade que mudou sua vida. "Desde criança sou apaixonada pelo futebol e eu abracei essa oportunidade de me profissionalizar".

Nos últimos anos o time feminino indígena se destacou, chegando à final do Campeonato Paraense em 2021. Na ocasião, elas foram vice-campeãs após perder a partida contra o Remo. Já em 2023, o time chegou às quartas de final. A conquista foi fruto de uma rotina de treinamentos intensos.

Para o futuro, o desejo de Zeca Gavião é fortalecer a base, com a criação de novas categorias para profissionalizar jovens de 15 a 18 anos. Assim como a equipe masculina, as meninas do Gavião Kyikatejê Futebol Clube compõem o primeiro time feminino indígena profissional do mundo.

O time representa um movimento histórico para todo o país e de impacto socioeconômico, cultural e moral, como destaca Márcia Kambeba, doutora em linguística pela UFPA. "A importância do time existir e resistir consiste na ocupação dos espaços e na forma como eles descolonizam o próprio futebol".

Ainda sem datas definidas para o Paraíso B2 e o Campeonato Feminino de 2025, o Gavião seguirá demonstrando a capacidade dos povos originários em jogar futebol e ocupar espaços a eles negados. Apesar das dificuldades encontradas, os Kyikatejê-Gavião acreditam que o esporte irá transformar suas vidas e a sociedade.



© Gavião Kyikatejê

Grupo de publicitários lançou em fevereiro filme para conscientizar a população sobre os povos originários e atrair marcas para patrocinarem o time

O Brasil está de volta à Fórmula 1

Depois de vencer o campeonato de base, o Brasil retorna ao ápice do automobilismo mundial com Gabriel Bortoleto

Por Guilherme Romero, Juliana Bertini de Paula e Lucas de Lima

Gabriel Lorenzo Bortoleto Oliveira, de 20 anos, é o nome que representará o Brasil na Fórmula 1. Depois de seu desempenho nas categorias de base (F3 e F2), o piloto foi contratado pela Sauber Kick Stake para dirigir ao lado de Nico Hulkenberg.

Nascido em Osasco, na região metropolitana de São Paulo, iniciou no automobilismo ainda jovem, aos seis anos. Por influência de seu irmão, Enzo Bortoleto, e de seu pai, Lincon Oliveira, começou a pilotar karts. Apesar da idade, Gabriel se destacou rapidamente, em 2012 foi campeão do Open Brasileiro de kart e vice no Campeonato Paulista e Brasileiro.

Apelidado carinhosamente pelo público como Bibi, foi para a Itália aos 12 anos, em um plano organizado pelo pai, para seguir seu sonho de se tornar piloto profissional. A mãe, Andreia Bortoleto, não concordava com a ida do filho e só ficou sabendo do plano quando ele já estava em solo europeu.

Na Europa, Gabriel se destacou no kart internacional em disputas de campeonatos importantes da categoria, como a WSK Final Cup. Após uma temporada de adaptação, aprimorou seus resultados no kart. Em 2018, conseguiu o terceiro lugar na classe OKJ do Europeu e no Mundial da Federação Internacional de Automobilismo (FIA), além de um vice-campeonato no WSK Super Master Series.

Em constante evolução, chamou atenção e, em 2020, ingressou na Fórmula 4 italiana pela equipe Prema Racing. Apesar da competição ter sido prejudicada pela pandemia da Covid-19, Bortoleto conseguiu quatro poles, ou seja, largar na primeira posição, e uma vitória, terminando a temporada na 5ª colocação.

Em 2021, migrou para a Fórmula Regional Europeia (FRECA), na primeira temporada terminou na 15ª posição e no ano seguinte, em 6º. Dois anos depois, assinou com a Trident Racing para a Fórmula 3 e com 164 pontos, em Monza, Itália, se sagrou campeão da categoria, sendo o primeiro brasileiro a obter tal conquista.

Após sua temporada na Fórmula 3, Gabriel fechou contrato com a Invicta Racing para a categoria seguinte. Com consistência em todas as etapas, chegou na final do campeonato como líder, ao lado de Isack Hadjar, em uma vantagem de apenas 0,5 pontos. Na corrida sprint, uma corrida mais curta, de Abu Dhabi, Bortoleto aumentou sua vantagem para quatro pontos em relação ao francês, e na corrida principal, Hadjar ficou parado na largada, facilitando

a vida do brasileiro que terminou em segundo, garantindo o título de campeão da Fórmula 2 em sua temporada de estreia.

Após o destaque do piloto nas duas categorias anteriores à Fórmula 1, a Sauber fechou contrato com o paulista, possibilitando o retorno do Brasil às pistas do maior campeonato de automobilismo do mundo. Bortoleto fará dupla com o experiente piloto alemão, Nico Hulkenberg. Gabriel escolheu utilizar o número 5 em seu carro, o mesmo que usou na conquista da Fórmula 3.

Em entrevista ao **Contraponto**, o comentarista de automobilismo da Band, Tiago Mendonça, conta como a chegada de Bortoleto enriquece a experiência do público nacional, que se acostumou com a falta de representação na categoria. "Hoje ele [fã brasileiro] gosta da Fórmula 1, não porque tem brasileiro, exatamente porque não tinha, ele torce para o Verstappen, ele torce para o Hamilton, ele torce para a McLaren, ele encontrou novos ídolos. Então, acho que a chegada de um brasileiro agora passa a ser um complemento".

Em relação aos pilotos brasileiros que estão batalhando para chegar na categoria, Tiago comenta que eles terão uma motivação extra. Ele relembra pilotos que até foram para a Europa competir, mas que não enxergaram perspectivas de futuro no esporte. "A chegada de um brasileiro ajuda esses garotos a entenderem que sim, vale a pena tentar, vale a pena se esforçar, porque a chance pode aparecer, como apareceu para o Gabriel".

Rodrigo Berton, coordenador de produção de conteúdo do site Grande Prêmio, também em entrevista ao **Contraponto**, diz que esse ano será de adaptação para Bortoleto, para ele, o piloto precisará demonstrar consistência e ajudar a equipe na transição que a Sauber fará para se tornar Audi. O brasileiro irá correr ao lado de um



Gabriel Bortoleto, novo piloto brasileiro na Fórmula 1

piloto experiente, que, apesar de já ter afirmado que não será "babá", tem muita bagagem para compartilhar.

A expectativa com a chegada da Audi aumenta. Sendo uma equipe de fábrica que compete em diversas categorias, a mudança será benéfica ao esporte e ao brasileiro. O piloto terá um carro mais competitivo para as próximas temporadas, podendo ter chance de vitória nas corridas, algo que é difícil com a situação atual da Sauber. "A Audi chega com um projeto absurdo, não chega para brincadeira, como em nenhuma categoria que ela chegou", diz Berton.

Outros brasileiros no automobilismo

Além de Bortoleto, o Brasil tem outros nomes promissores no esporte. Rafael Câmara é um piloto de grande destaque no automobilismo. Iniciou sua carreira em 2014, competiu na Copa Brasil de Kart, terminando em segundo lugar na competição no ano de 2019. No Campeonato Europeu, obteve a quinta colocação em seu primeiro ano no cartismo sênior.

Em 2023, Câmara participou do Campeonato Europeu de Fórmula Regional pela equipe Prema Racing e foi campeão do torneio em 2024, com uma trajetória de seis vitórias, nove pódios e 16 top-10 ao longo das 18 corridas. Neste ano, disputará a Fórmula 3 pela equipe Trident Motorsport.

Felipe Drugovich correu em várias categorias do automobilismo, tendo iniciado sua carreira em 2008. Conquistou o Campeonato Brasileiro de kart em 2011 e o vice-campeonato europeu na classe KFJ.

Em 2016, Drugovich estreou na Fórmula 4 e conquistou o terceiro lugar em 2017. No ano seguinte, participou da Eurofórmula Open e foi campeão da temporada com uma incrível campanha de 18 corridas e 16 vitórias. Em 2020, correu pela equipe MP Motorsport com Giuliano Alesi na Fórmula 2, o título do campeonato foi conquistado no ano de 2022. Atualmente, Felipe Drugovich participa da Fórmula 1 no posto de piloto reserva da equipe Aston Martin.



Gabriel Bortoleto no treino livre da Austrália

Brasil se torna destino para estrelas do futebol mundial e aquece mercado

Jogadores com prestígio internacional chegam ao país em busca de protagonismo, visibilidade e salários competitivos

Por Fernando Amaral, Gabriel Flores, João Bueno, João Palhares e Theo Fratucci

As temporadas de 2024 e 2025 do futebol brasileiro se destacam não apenas pela qualidade técnica, mas também pelas contratações de peso. Neymar, Memphis Depay, Lucas Moura e Philippe Coutinho estão entre os jogadores que escolheram o Campeonato Brasileiro em vez do exterior, o que fortaleceu o prestígio da competição. O crescimento desse movimento reflete um cenário em que os clubes do país oferecem salários atrativos, mais espaço para protagonismo e a chance de permanecer perto da família.

Neymar se tornou o maior símbolo dessa transferência ao acertar seu retorno ao Santos. Revelado pelo clube em 2009, conquistou a Libertadores de 2011 e seguiu para o Barcelona, onde se consolidou como um dos principais jogadores do mundo. Em 2017, transferiu-se para o Paris Saint-Germain por 222 milhões de euros, a maior negociação da história até então. Depois de seis temporadas na França, foi para o Al-Hilal, da Arábia Saudita, em meio a uma onda de contratações milionárias no país. No entanto, uma grave lesão no joelho o afastou dos gramados por mais de um ano.

Já recuperado, o atleta optou por deixar o futebol saudita e acertou o retorno para o Brasil, em busca de recuperar a forma e retomar o protagonismo. A volta surpreendeu porque o clube paulista, além de enfrentar dificuldades financeiras, havia acabado de retornar à Série A após o inédito rebaixamento em 2023. Mesmo assim, a negociação se viabilizou com a ajuda de patrocinadores e do próprio jogador, que aceitou reduzir seus vencimentos para vestir novamente a camisa que o revelou.

Além das quatro linhas

A chegada de grandes estrelas ao futebol brasileiro vai além do desempenho em campo. O impacto se estende a diferentes áreas e tem transformado o cenário esportivo nacional, criando novas dinâmicas para clubes, torcedores e o mercado do futebol.

A visibilidade internacional do Campeonato Brasileiro alcança níveis inéditos, o que resulta em um maior interesse da mídia global e reforça a atratividade do país para grandes nomes do esporte. Um exemplo disso foi a contratação do holandês Memphis Depay pelo Corinthians, em setembro de 2024, que levou o canal ESPN da Holanda a adquirir os direitos de transmissão do Brasileirão nos Países Baixos até o fim de 2027. Esse tipo de movimentação gera um efeito cascata, incentivando outros jogadores de renome a considerar o Brasil como destino.

Em entrevista ao **Contraponto**, o jornalista esportivo Gian Oddi, comentarista dos canais ESPN, afirma que o desejo de retornar ao país e a busca por visibilidade sempre foram fatores determinantes para jogadores deixarem a Europa rumo ao Brasil.

Oddi ainda ressalta que, no passado, jogadores prolongavam a carreira no exterior para garantir estabilidade financeira antes de voltar ao Brasil. No entanto, com o fortalecimento das Sociedades Anônimas do Futebol (SAFs) e a boa gestão financeira de clubes como Palmeiras e Flamengo, por exemplo, os projetos nacionais tornaram-se mais competitivos, elevando o nível do Campeonato Brasileiro.

O fenômeno também provoca mudanças socioculturais profundas. A presença de estrelas internacionais reacende o interesse dos torcedores pelo futebol local, lotando estádios e inspirando jovens atletas nas categorias de base. Prova disso são os quatro jogos de Neymar na Vila Belmiro pelo Campeonato Paulista de 2025, que registraram as maiores arrecadações da história do Santos. Além disso, o turismo esportivo cresce com torcedores viajando pelo país para acompanhar seus ídolos, impulsionando a economia local e projetando uma imagem positiva do Brasil no exterior.

Esse momento histórico do futebol brasileiro representa mais do que uma evolução esportiva: marca uma transformação cultural que reafirma o país como referência no cenário internacional.

Neymar lota Vila Belmiro em rerepresentação no Santos



Memphis em sua primeira interação com os corinthians após chegada ao Brasil

Atraindo talentos globais e elevando o nível técnico das competições, o Brasil volta a ocupar uma posição de protagonismo.

Historicamente, o futebol nacional sempre recebeu grandes jogadores, tanto brasileiros quanto estrangeiros, no fim de suas carreiras. Casos como Seedorf, Kaká, Ronaldo, Deco e Rivaldo ilustram essa tendência. A diferença é que, agora, o mercado nacional está em alta e os clubes conseguem disputar contratações de atletas estrangeiros em plena forma. Segundo levantamento do portal **ge**, o número de jogadores europeus na Série A do Brasileirão cresceu 800% na última década. Em 2023, havia cinco atletas do continente; em 2024, esse número saltou para nove.

Um dos fatores que explicam esse crescimento é a adoção do modelo SAF. Além de fortalecer financeiramente os clubes, a profissionalização da gestão trouxe metodologias e um olhar mais próximo ao padrão europeu. O investimento de empresas do setor de apostas também ajudou a injetar recursos, enquanto a falta de competitividade nos outros países da América do Sul consolidou o Brasil como o principal destino do continente para grandes jogadores.

Além das cifras envolvidas, a maior visibilidade internacional do Campeonato Brasileiro impulsiona esse movimento. Gian Oddi destaca que “a venda de jogadores jovens e importantes não necessariamente aumenta a atratividade do futebol brasileiro, mas abre espaço para a chegada de atletas que estavam no mercado europeu”.

O novo momento do futebol no Brasil não apenas atrai jogadores em plena forma, mas também redefine o fluxo de talentos no mercado internacional. Se antes os clubes sul-americanos eram apenas

© Reprodução /Corinthians

© Reprodução / Santos



exportadores de promessas, hoje conseguem equilibrar essa balança ao buscar reforços do exterior.

O caso de James Rodríguez no São Paulo e a permanência de Arrascaeta no Flamengo ilustram essa mudança. Com contratos mais longos e projetos mais estruturados, os times nacionais não apenas contratam, mas também retêm craques, tornando o Campeonato Brasileiro um destino cada vez mais sólido no cenário global.

Com essa nova estrutura, os clubes brasileiros também passaram a vender suas promessas mais cedo e por valores recordes. Jovens como Savinho, Lucas Beraldo e Vitor Reis renderam quantias milionárias às suas equipes. Dos dez maiores negócios da história do futebol brasileiro, sete ocorreram na última década. Endrick, Estêvão, Rodrygo, Vinicius Jr., Lucas Paquetá, Vitor Reis e Gabriel Jesus foram negociados por um total de 276 milhões de euros, consolidando o Brasil como um dos maiores exportadores de talentos do futebol mundial.

Gastos sem controle

O impacto econômico da chegada de estrelas ao futebol brasileiro se reflete diretamente nos clubes e jogadores. A folha salarial se tornou um dos principais desafios financeiros, com valores que destoam da realidade de boa parte dos times. Em entrevista ao **Contraponto**, Rodrigo Capelo, jornalista do Grupo Globo especializado em finanças esportivas, analisou o aumento dos gastos e como algumas equipes conseguem sustentar salários cada vez mais elevados.



© Robson Morelli

Endrick com Florentino Pérez, presidente do Real Madrid, em sua apresentação ao clube

“Clube de futebol é uma máquina de gastar dinheiro. Raramente investe em infraestrutura ou bens duráveis, prefere destinar tudo para reforços e folha salarial, que cresce constantemente”, afirma Capelo. Ele explica que esse cenário é reflexo de um mercado aquecido, pois os salários acompanham o faturamento dos clubes e a entrada de capital por diversas



© Reprodução / Clube Atlético Mineiro

Arena MRV passa por transição para o gramado sintético no início de 2025

frentes, como direitos de transmissão, patrocínios, vendas de jogadores e receitas de bilheteria a longo prazo.

Alguns clubes mantêm há anos um equilíbrio financeiro, mas a maioria das equipes brasileiras opera de forma menos sustentável. O alerta vale especialmente para times que se tornaram SAFs recentemente, como Botafogo, Vasco e Bahia. “Cada novo dono que chega compra um clube e injeta dinheiro próprio, e não necessariamente recursos gerados pelo time. Isso infla ainda mais os gastos e impulsiona a inflação salarial”, analisa o jornalista.

Flamengo e Palmeiras, por terem contas organizadas, disputam jogadores com clubes europeus sem depender de investidores externos — ao contrário do Botafogo, controlado por John Textor. O Palmeiras, por exemplo, venceu a concorrência da Juventus para contratar Felipe Anderson, da Lazio, além de ter feito a maior compra da história do futebol brasileiro: 25 milhões de euros para tirar Vitor Roque do Barcelona. Em contraste, clubes com dívidas bilionárias, como Atlético Mineiro e Corinthians, seguem fechando contratações de alto custo, ampliando seus passivos.

Uma alternativa já debatida pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) seria a implementação do **Fair Play Financeiro (FPF)**, modelo adotado na Europa para evitar que os clubes gastem mais do que arrecadam.

Capelo pondera que essa medida poderia prejudicar times endividados que ainda estão em fase de investimento. “Algumas SAFs, como Botafogo e Atlético Mineiro, talvez não conseguissem seguir as regras do FPF por muito tempo. Já o Corinthians enfrentaria ainda mais dificuldades, pois possui um histórico de calotes e dívidas acumuladas”, avalia.

Embora o futebol brasileiro tenha evoluído financeiramente, a estrutura organizacional segue atrás de outros mercados. Países como Arábia Saudita, Estados Unidos e até México possuem uma vantagem significativa sobre o Brasil: o calendário de jogos.

Enquanto clubes da Major League Soccer (MLS), liga de futebol estadunidense, disputam cerca de 35 partidas por temporada, um time brasileiro pode ultrapassar 70 jogos ao longo do ano. “O Campeonato Brasileiro tem potencial, mas enfrenta problemas como gramados ruins, desfalques de jogadores convocados para seleções e um calendário sobrecarregado. Isso afasta o interesse de espectadores internacionais, especialmente europeus”, analisa Gian Oddi.

Outro problema apontado por Oddi é a qualidade dos gramados. O uso de campos sintéticos no Brasil tem sido criticado por jogadores como Neymar, Lucas Moura e Oscar. O argumento principal é que a grama natural torna o jogo mais atrativo para o público e mais seguro para os atletas. Enquanto na Europa o uso de gramados artificiais é restrito, e já proibido em ligas como a francesa, alemã e holandesa, no Brasil clubes como Palmeiras e Atlético Mineiro adotam esse tipo de superfície.

O debate sobre os gramados já chegou à CBF e aos dirigentes dos clubes, mas ainda não há uma decisão definitiva. O tema simboliza um dos muitos impactos que a chegada de estrelas internacionais pode ter no futebol brasileiro, o que influencia não apenas a competitividade em campo, mas também mudanças estruturais no esporte.

Além disso, a chegada de grandes jogadores exige uma modernização na gestão dos clubes, especialmente na adaptação às exigências do futebol global. Para atrair e manter craques, as equipes precisam oferecer não apenas bons salários, mas também condições de trabalho que incluam centros de treinamento de alto nível, logística eficiente para viagens e acompanhamento especializado em preparação física e recuperação.

A profissionalização dessas áreas, antes deixadas em segundo plano, pode definir o sucesso dessa nova era do futebol brasileiro e garantir que os clubes não apenas gastem mais, mas também invistam de forma estratégica no futuro do esporte.

Baile da Vogue 2025 trouxe mais glamour cultural do que estético

Na celebração dos 50 anos da publicação brasileira, a revista reforça papel de narradora da indústria da moda

Por Beatriz Alencar, João Luiz Freitas, Isabelli Albuquerque, Mariane Beraldes e Sophia Dolores

Mais do que uma simples festa, o Baile da Vogue é um reflexo do impacto da moda na sociedade e de como a revista traduz esse universo para o público. Em 2025, a celebração dos 50 anos da Vogue Brasil trouxe ao Copacabana Palace o tema “Voguelândia: O Fantástico Mundo da Moda”, reforçando o papel da marca como plataforma de expressão artística e cultural.

Desde a idealização do evento, o objetivo principal era criar um verdadeiro desfile de criatividade, no qual os convidados não vestiam apenas roupas, mas incorporavam as narrativas. No pré-baile, a divulgação do tema já antecipou a ousadia e a teatralidade que tomam conta do tapete vermelho ano após ano. Na noite do evento, os looks ganharam vida em uma mistura de moda e fantasia.

de moda que existe hoje no Brasil. Nós fomos criando uma cultura, e ícones como a Sabrina Sato, que virou um emblema tanto da festa quanto da montagem no geral. Os bailes sempre procuram valorizar de alguma forma a moda nacional”.

Em 2025, a fusão entre o editorial da revista e a execução do evento ficou ainda mais evidente. A influencer e colunista da Glamour, Vitória Fiore, escolheu representar a estilista brasileira Zuzu Angel. Em 1971, a homenageada incorporou nas coleções elementos que denunciavam o regime ditatorial brasileiro após o filho, estudante de economia e militante do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), ser preso no Rio de Janeiro e levado para a Base Aérea do Galeão.

Vitória Fiore ainda declarou que Zuzu foi “quem trouxe a identidade do que hoje a gente conhece como moda nacional”. O símbolo da marca de Zuzu é um anjo com um vestido cor de rosa, ponto inicial para a inspiração da roupa da influencer. “Eu não queria que as pessoas achassem que eu estava me colocando no lugar de perda e luto de um filho, a intenção era homenagear da maneira mais genuína que conseguíssemos”, declarou nas redes sociais.

Apesar do brilho e do luxo, características que marcam a tradição do baile, a festa também gerou debates sobre até que ponto as produções realmente inovaram ou apenas reciclaram tendências já exploradas. Alguns looks foram amplamente elogiados por críticos, estilistas e até pelo público das redes sociais, enquanto outros foram declarados como escolhas de pouca originalidade e falta de diversidade nas referências.

O *dress code* sugerido, “Fashionistas Extraordinários”, colocou a representatividade como um ponto alto do evento, refletido na diversidade de estilos e referências culturais presentes nos trajes. A redatora-chefe da Vogue Brasil classificou o look da deputada federal Erika Hilton, inspirado na cantora Beyoncé, como a escolha mais surpreendente da noite. “Foi um espetáculo. Além dela ser realmente muito parecida, a inspiração foi certa e fala um pouco também dessa cultura de resistência negra por meio da moda de forma muito ampla. Ela pegou uma referência americana, um ícone pop, que traz essa discussão também por meio das roupas”.

Celebridades e fashionistas não economizaram, levando para o tapete vermelho interpretações únicas que exaltavam tanto a moda quanto a cultura brasileira.



Vitória Fiore com look inspirado em Zuzu Angel

A influenciadora digital, Luiza Parente, chamou atenção ao homenagear Patrícia Galvão, a Pagu, ícone do modernismo e da luta feminista no Brasil. O look reinterpretou a estética da militante e escritora, mesclando elementos da década de 1930 com uma abordagem contemporânea. O visual, além de um tributo à resistência feminina, reforçou a importância de figuras históricas na construção da identidade cultural brasileira.



Look de Luiza Parente homenageando Pagu



A festa celebrou 50 anos da revista no Brasil

O baile como espelho da indústria fashion que representa a cultura histórica

A cada edição, o Baile da Vogue reafirma um papel influente sobre a moda nacional, refletindo as tendências e provocando discussões que vão além da esfera fashion. A redatora-chefe da Vogue Brasil, Maria Laura Neves, ressaltou em entrevista ao **Contraponto** a importância do evento para o desenvolvimento da cultura de moda em um mercado ainda pouco explorado no país. “O baile da Vogue é a principal festa

Novos rostos, novas metas

A cantora Iza, responsável por agitar a noite com uma performance, brilhou em um look inspirado na cantora americana e ícone da moda Cher. O traje, que era uma homenagem à enigmática imperatriz Cleópatra, mesclou elementos tradicionais com toques futuristas, simbolizando a fusão entre passado e futuro. A apresentação, a primeira após o nascimento da filha, foi um dos pontos altos da noite. A cantora contou à Vogue em uma entrevista que o *look* é um *spoiler* para um próximo projeto, deixando fãs ansiosos pelo retorno da cantora.

Outro destaque foram as produções inovadoras em sustentabilidade que, através das criações, trouxeram à tona as pautas ambientais e a inclusão do tema no mundo da moda. Um dos maiores ícones fashion brasileiros, a apresentadora e modelo Sabrina Sato apareceu no tapete vermelho com um vestido feito de pedaços de plásticos coletados do oceano e pedrarias recicladas.

O look foi projetado por Kevin Germanier, um designer sueco especializado em *upcycled couture* – uma técnica que transforma materiais considerados descartados em peças de alta costura – e moda sustentável. A indústria da moda está entre as que mais poluem o mundo.

O poder da publicidade na moda

Enquanto influencers e fashionistas homenagearam figuras icônicas, a apresentadora Adriane Galisteu levou ao evento um look inspirado no jogo Sweet Bonanza, da Betano, casa de apostas esportivas online.

A vestimenta foi composta por um *body* e uma peruca ruiva cheios de pirulitos e botas com tons de laranja e roxo em alusão à patrocinadora. Os doces não estavam somente na roupa da apresentadora, ela também distribuiu alguns brindes entre os convidados.

“Amores, cheguei no Baile mais icônico do Carnaval pronta para adoçar a noite com muito brilho, fantasia e diversão! A inspiração? O meu jogo preferido, Sweet Bonanza, da Betano”, escreveu Galisteu em sua rede social.

A proposta de figurino da apresentadora foi um dos assuntos mais comentados nas redes. A atitude de levar doces foi comparada, pelos seguidores, ao método das apostas, que oferecem dinheiro de maneira fácil para convencer os usuários que a prática é uma boa ideia para ganhar “uma renda extra”.



© Vínicius Mochizuki

Looks de DJ Johnny Luxo e Adriane Galisteu para o Baile da Vogue 2025

Essa problemática vai muito além da inspiração de um look para o Baile da Vogue. Nos últimos anos, o crescimento das *bets* trouxe um novo problema para vários países, incluindo o Brasil. Legalizadas desde 2018 no país, sem muitas regras, as apostas online repercutiram e ganharam força entre celebridades e influenciadores. Segundo um levantamento da Comscore (empresa de análise de mídia entre plataformas) de 2023, o Brasil é o terceiro país que mais consome sites de apostas, atrás apenas dos Estados Unidos e da Inglaterra.

O processo de regulamentação começou em 2023, e está ocorrendo em etapas. Apesar de muitas apostas esportivas online serem legalizadas e regulamentadas pelo Governo Federal, o uso excessivo dessas plataformas representa um risco à saúde financeira e psicológica dos usuários. Os efeitos colaterais das *bets* vão desde o vício e dívidas até problemas familiares e de saúde pública.

De acordo com o Banco Central, em agosto de 2024, cinco milhões de beneficiários do Bolsa Família gastaram três bilhões em apostas online, o que representa 21% do total do investimento do Governo Federal no programa social. Jovens e famílias mais necessitadas estão lidando cada vez mais com o vício e a problemática das *bets*, o que resulta em isolamento social, dificuldades financeiras, conflitos familiares, divórcios, agravamento de condições mentais e comportamentos compulsivos que podem ser prejudiciais.

Celebridades e influenciadores digitais divulgam tais plataformas e recebem cachês milionários pela publicidade. Uma reportagem da Revista Piauí revelou que influenciadores assinam contratos nos quais ganham também uma porcentagem da receita perdida pelos novos apostadores.

De acordo com uma pesquisa desenvolvida pelo IAB Brasil em parceria com a Offerwise, em junho de 2023, evidenciou-se um aumento no consumo de conteúdos oferecidos por influenciadores digitais no Brasil. O estudo revelou que as recomendações de produtos ou serviços por criadores de conteúdo costumam ter alta eficiência na conversão de compra, gerando um novo comportamento de publicidade e consumo.

Na indústria da moda, a publicidade possui grande importância para dar notoriedade às coleções e aos looks. O Baile da Vogue é um dos eventos que conta com vários patrocinadores. A edição deste ano apresentou a marca Beefeater; e teve apoio da 3 Corações, Bacio di Latte, Bioderma, Bulova, Catupiry, Ceratti, Chandon, Eudora, Kérastase, Lindt, My Place, Nina Ricci e Rennova; e a participação de Bio Ritmo, OPI e PACCO. Para a redatora-chefe da Vogue Brasil, esses patrocínios não tiram o foco da moda em si: “Eu acho que essas discussões que tivemos até aqui são provas de que o baile segue relevante e não é uma vitrine comercial”.

A atriz e modelo Erika Januza foi uma das participantes do baile que utilizou a criatividade acompanhada de uma publicidade com a Beefeater. A modelo se inspirou na primeira Barbie negra da história, lançada em 1967. Erika entregou representatividade e publicidade com seu *look*, evitando o marketing controverso. Em seu Instagram, a atriz revelou: “Olhar para ela é enxergar todas as possibilidades que podemos ser ao longo da nossa vida”. O Baile da Vogue é um espaço em que o poder de prestígio dos participantes ganha destaque e reforça a necessidade de uma postura atenta aos debates que mobilizam a sociedade.

A fotografia do filme “Ainda Estou Aqui” captura a poesia no mundo cinematográfico

O responsável pela direção de imagem do longa, Adrian Teijido, destaca as escolhas estéticas que moldaram a atmosfera do longa

Por Amanda Campos, Giovana Laurelli e Lorena Basília

O filme *Ainda Estou Aqui*, dirigido por Walter Salles, se tornou um fenômeno nacional e internacional, atraindo 5 milhões de espectadores e arrecadando R\$104,7 milhões nas bilheteiras do Brasil em quase 4 meses de estreia nacional. Baseado no livro homônimo de Marcelo Rubens Paiva, o longa retrata o desaparecimento de Rubens Paiva durante a ditadura militar e o impacto em sua família. Com uma estética nostálgica, a obra constrói uma narrativa imersiva que convida o espectador a refletir sobre questões existenciais e emocionais de forma intensa. Além das atuações e da narrativa, a fotografia também é destaque. Para Adrian Teijido, os diretores de fotografia são “escritores visuais; contadores de histórias através da imagem”.

A história não é contada apenas por palavras, mas também pelas cores e luzes, que protagonizam a película. A primeira meia hora do filme é marcada por uma iluminação solar, refletindo a vida idílica da família Paiva. Essa luminosidade é sutilmente transformada em uma sequência de 19 segundos, marcando a transição para uma nova e sombria realidade, representando a prisão e o domínio da ditadura.

Para retratar a carga emocional do filme, Teijido detalha ao **Contraponto** que centrou-se na memória e utilizou a película 35mm para registrar o grão e as imperfeições, recriando a atmosfera da década de 1970. O objetivo era transmitir as emoções e as vivências do período, além da ditadura. Mesmo em épocas de repressão, Salles quis enfatizar a cultura, a música e a forte conexão da família Paiva com a praia.

Walter Salles e Adrian Teijido criaram uma transição visual e emocional marcante: a luz inicial, que representa esperança, dá lugar a sombras e silêncios após o desaparecimento de Rubens Paiva. Inspirada nas pinturas de Vilhelm Hammershøi, a fotografia expressa ausência e sufocamento.

Teijido iniciou a carreira como assistente de câmera, passando pela *MTV Brasil*, onde adquiriu experiência filmando videoclipes em *Super 16*. Seu portfólio cresceu com trabalhos como a minissérie *Antônia*, *A Pedra do Reino* e colaborações com Luiz Fernando Carvalho. O reconhecimento veio com *O Palhaço*, de Selton Mello, um de seus primeiros projetos de grande impacto. A partir daí, o cinema se tornou seu foco, com filmes como *A Busca*, *Gonzaga: De Pai para Filho*, *Medida Provisória* e *Marighella*.



O diretor de fotografia Adrian Teijido, ABC em ação durante as filmagens de *Ainda Estou Aqui*

As técnicas que levaram ao Tapete Vermelho

Para o diretor, a filmagem de *Ainda Estou Aqui* exigiu um trabalho minucioso, especialmente pelo uso da película em um cenário onde a maioria das produções já migrou para o digital. Com a ausência de laboratórios de revelação na América do Sul, os negativos precisavam ser enviados semanalmente para o exterior. O material era então digitalizado, e Teijido mantinha contato com o colorista para acompanhar referências e relatórios técnicos. A cada ciclo, o processo levava cerca de dez dias.

Ele explica que a gravação trouxe desafios adicionais, principalmente porque, ao contrário do digital, o monitor de uma câmera de película não exibe a imagem final com precisão. Ele serve apenas para referência de enquadramento, sem permitir uma avaliação exata da exposição ou da nitidez. Segundo o profissional, foi necessário confiar inteiramente na técnica e na experiência, operando no limite da luz, do foco e do movimento, sem a possibilidade de conferir o resultado na hora.

Nas técnicas aplicadas na decupagem do filme, Walter Salles utilizou planos-sequência e closes estratégicos para construir a narrativa de forma mais fluida, no lugar de cortes excessivos, comuns na televisão. Teijido recorda que durante as gravações, Salles sugeriu cenas externas para que o filme ganhasse ritmo. “Uma das cenas foi quando a Fernanda, interpretando a Eunice, sai de casa para ir ao banco. A cena foi filmada na rua, com figurantes, e durou apenas 30 segundos, suficientes

para o respiro. O Walter percebeu o que estava faltando e ele estava certo”.

Ao falar sobre a produção da fotografia de *Ainda Estou Aqui*, Adrian também compartilhou sua visão sobre o desafio de adaptar a obra de Marcelo Rubens Paiva para o cinema: “Adaptações cinematográficas de livros sempre são complicadas, porque é preciso transformar a história em imagens. O roteiro é uma adaptação, e muitas partes acabam mudando e ficando de fora. Por isso, ler o livro foi fundamental para mim”. Na publicação, a história é narrada pelo autor, enquanto no longa, o pequeno Marcelo ocupa uma posição de semi-protagonista, sem explicitar se é seu o ponto de vista narrativo.

O caminho de um filme até o tapete vermelho do Oscar exige um alto nível técnico, e a adaptação cuidadosa e pesquisa profunda garantiram que o longa mantivesse a essência do livro. “O Marcelo contou sua história com palavras, os roteiristas adaptaram, e meu trabalho, junto com o diretor de arte e toda a equipe, foi transformar essas informações em imagens. Para isso, precisamos definir lentes, movimentos de câmera, cores — tudo para traduzir visualmente o que está sendo contado”, destaca o diretor.

O jogo de iluminação: liberdade e censura

A abordagem de *Ainda Estou Aqui* foi guiada por uma visão detalhada do Rio de Janeiro dos anos 70 e da casa onde a trama se desenrola. Inicialmente, o ambiente é

retratado de forma vibrante e iluminada, refletindo a atmosfera alegre e cheia de vida da família. No entanto, um ponto de transição marcante altera essa estética: quando os agentes da ditadura invadem a casa e levam Rubens Paiva, as cortinas se fecham, bloqueando a luz e introduzindo um jogo de sombras. A escuridão passa a dominar os espaços, e os militares são sempre mostrados em áreas escuras, simbolizando a repressão que se instala na vida das personagens.

Essa transformação visual reflete um contraste que se fazia presente no Brasil da época. Enquanto o país vivia uma efervescência cultural com a Bossa Nova, a Jovem Guarda, o Cinema Novo e a arquitetura modernista de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, a repressão política impunha um peso brutal sobre essa criatividade. O impacto dessa ruptura levanta a reflexão sobre o que poderia ter sido o Brasil caso o fluxo livre da arte não tivesse sido interrompido.

Na passagem para os anos 2000, o filme adota uma terceira mudança estética, tornando a fotografia mais limpa para refletir a nova era. O uso da película também contribui para diferenciar visualmente os períodos, trazendo texturas distintas que ajudam a contar a história ao longo das décadas. Esse cuidado na composição visual reforça o peso do tempo e das mudanças que moldaram o destino dos personagens e do país.

Adrian Teijido reforça sua crença no valor da película, mas destaca que a escolha depende do filme. “Nesse caso, a película foi essencial, porque tem um grão em movimento, que cria uma textura muito agradável e contribui para o senso de realidade da história. Queríamos que o espectador

acreditasse na família, nas imagens, que sentisse que aquilo realmente aconteceu”. Para ele, a película se aproxima mais da visão humana do que o digital.

Teijido também comenta sobre a percepção do público em relação ao formato escolhido. “O público sente a diferença. Eles não precisam entender tecnicamente, mas precisam sentir a imagem de um jeito especial, e acho que conseguimos isso”. Ele sente que, pelas reações dos espectadores, o filme teve um impacto positivo, especialmente a fotografia.

O efeito além das telas

O diretor de fotografia destacou a necessidade de se recordar a brutalidade do período histórico retratado, especialmente para as gerações que não viveram o evento. Teijido se satisfaz pelo sucesso da obra, principalmente o reconhecimento nacional e internacional pela qualidade visual e pelo conteúdo sólido da produção. Ele também enfatizou a importância de realizar um cinema de alto nível, com boas condições e um excelente roteiro, mostrando ao público que o cinema brasileiro é genuíno e de qualidade.

Sobre sua relação pessoal com os temas tratados em *Ainda Estou Aqui*, Adrian compartilhou a memória da ditadura militar – tanto no Brasil quanto na Argentina – e como essa vivência impactou sua carreira como diretor de fotografia. “Eu vivi a ditadura através dos meus pais, produtores de cinema. Meu pai não era ativista, mas tinha muitos amigos jornalistas e artistas, alguns dos quais desapareceram”, relembra Teijido.

Ele também recorda uma viagem à capital da Argentina quando criança: “Lembro

que, quando fomos a Buenos Aires, toda a alfândega era controlada por militares. Eles eram agressivos, revistavam malas, censuravam revistas”. Com o tempo, ele compreendeu a gravidade e a brutalidade do regime.

Foi em filmes como *Eles* e *Marighella* que Teijido teve a oportunidade de explorar essas questões no cinema. “Para um diretor de fotografia, não há nada melhor do que se envolver em um projeto que, além de ser bom, trata de um assunto relevante”, afirmou.

Ele ressalta que essas produções cinematográficas deixam um legado importante, pois quem assisti-las no futuro, poderá entender a magnitude das atrocidades retratadas. Para o diretor de fotografia, é um motivo de orgulho, pois não se tratam apenas de projetos de entretenimento, mas de obras com um significado profundo, característica que produz grande realização pessoal.

Ainda Estou Aqui oferece uma reflexão profunda sobre a condição humana e a resistência diante das adversidades, pura melancolia e poesia. Retratar um dos períodos mais marcantes da história brasileira exige uma produção como esta. O cuidado com o uso da luz e sombra, e as filmagens analógicas são a chave para alcançar a sensibilidade que as imagens de um filme devem transmitir. A construção das fotografias de Adrian Teijido conseguiram traduzir sentimentos com o uso de técnicas imperceptíveis para um leigo. A partir dessa comunicação cinematográfica, premiações, reconhecimento e a ida em massa do povo brasileiro aos cinemas devem se tornar tradição no cinema nacional.



© Alite Dara Onawale

Da esquerda para a direita: o diretor de fotografia Adrian Teijido, o diretor Walter Salles e os atores Selton Mello e Fernanda Torres, durante a filmagem de *Ainda Estou Aqui*

O cinema brasileiro reacende na cultura popular com o filme “Ainda estou aqui”

Premiado internacionalmente, o longa ilumina a arte nacional e estimula o debate sobre a importância do audiovisual brasileiro

© Alile Dara Onawale



Cartaz de divulgação do filme Ainda Estou Aqui

Por Carolina Zaterka, Davi Rezende, Manoella Marinho, Mayara Neudl e Renata Bittar

Com o sucesso arrebatador de *Ainda Estou Aqui*, dirigido por Walter Salles, o cinema brasileiro voltou ao centro das atenções. Aclamado pela crítica, o filme não apenas emocionou plateias ao redor do mundo, como também reanimou o interesse do público nacional por suas próprias histórias. Em um país onde a cultura frequentemente é alvo de desvalorização e esquecimento, a obra se impõe como um marco de resistência, memória e renovação para a cinematografia brasileira.

A arte tem o poder de atrair o público à reflexão – e, no Brasil, isso não é diferente. O cinema, em especial, desperta no espectador um sentimento de pertencimento, valorização e orgulho pela própria cultura. *Ainda Estou Aqui* tem dominado as discussões recentes, encantando crítica e público dentro e fora do Brasil.

Salas lotadas no exterior e a presença em premiações internacionais se tornaram rotina para a produção, que conquistou até mesmo um Globo de Ouro e o primeiro Oscar da história do país. Apesar de seu sucesso mundial, o maior prestígio dado à obra tem vindo do próprio povo brasileiro, que consome cada vez mais o cinema nacional. De acordo com dados da ANCINE, Agência Nacional de Cinema, as salas de cinema em funcionamento bateram recorde em 2024. No fim do ano, eram 3.509, alta de 1,2% ante o ano anterior e patamar 0,9% superior a 2019.

O filme se tornou uma porta de entrada para que o público reconheça a riqueza histórica do cinema nacional, principalmente por abordar um tema sensível e comovente. Ao tratar de um período marcante, como a ditadura militar – um capítulo da história brasileira que, aos poucos, parecia cair no esquecimento – o filme resgata a memória coletiva ao mesmo tempo em que promove uma reflexão mais humanista sobre o passado e o presente. Produções como essa não só cativam as novas gerações, mas também levam os espectadores a buscarem outras obras que dialoguem com sua narrativa, criando um ciclo de descoberta cultural.

A (Re)descoberta do Cinema

Ao apresentar temáticas, estéticas e histórias que conversam diretamente com a identidade brasileira, filmes como *Ainda Estou Aqui* despertam a curiosidade sobre o passado do cinema nacional. Isso leva o público a perceber que o Brasil sempre teve uma cinematografia forte e expressiva, mesmo em um contexto pautado pela escassez de incentivo à arte e descredibilização constante de ferramentas já existentes, como a Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei no 8.313/91), conhecida como Lei Rouanet. O mecanismo legislativo vem sendo alvo frequente das *fake news* e críticas por parte da população e do governo, como a de que diversos artistas,

como Ivete Sangalo e Daniela Mercury, receberam milhões de reais para apoiar o Governo Lula.

O cinema brasileiro, ao retratar suas próprias realidades e explorar questões sociais, históricas e culturais, fortalece a conexão do público com sua identidade. Produções como *Cidade de Deus* (2002) e *Central do Brasil* (1998) não apenas oferecem um olhar profundo sobre diferentes camadas da sociedade brasileira, mas também provam que o país tem capacidade de criar narrativas de grande impacto artístico. Isso desconstrói a ideia de que apenas o cinema estrangeiro, especialmente o hollywoodiano, pode produzir histórias envolventes, mostrando que o Brasil tem uma trajetória cinematográfica rica e emocionante.

Com *Ainda Estou Aqui*, o cinema nacional estabelece um elo entre gerações de espectadores e cineastas, reforçando a força do Brasil como um país de cinema autêntico e potente. Esse resgate cultural não só fortalece a indústria audiovisual nacional, mas também reafirma o papel do cinema como ferramenta de preservação da memória e formação da identidade brasileira – além de ampliar sua visibilidade além das fronteiras do país. O filme ainda segue abrindo portas para a descoberta de novas formas de expressão artística, como a música popular e a literatura brasileira.

Para além da história contada pelo filme, a representatividade brasileira desperta reflexões e debates entre artistas e críticos, que analisam os seus efeitos limitados na cultura popular. Em entrevista ao **Contraponto**, o cineasta e diretor formado pela Universidade de São Paulo (USP), Diogo Noventa, compartilhou sua perspectiva sobre a indústria audiovisual e de como o filme impactou o Brasil. Ele questiona por que o Oscar exerce tanta influência sobre nossa consciência, já que estamos sempre em busca da descolonização. Outros filmes ganham prêmios internacionais, mas raramente aparecem na mídia como premiações norte-americanas.

Um Filme com Sangue Latino

Ver personalidades brasileiras do cinema fazendo sucesso internacional tem se tornado cada vez mais frequente. Figuras como Wagner Moura, Maria Fernanda Cândido, Alice Braga e Fernando Meirelles têm mostrado o talento brasileiro na sétima arte em produções de prestígio além

do Brasil. Somos criados em uma sociedade onde a Europa e, principalmente, os Estados Unidos dominam a indústria do entretenimento. São dessas referências culturais que o público brasileiro tira inspiração para o mercado audiovisual, musical e até literário. Entretanto, são obras como *Ainda Estou Aqui* que transformam a relação do brasileiro com a própria arte.

O cinema nacional tem demonstrado uma notável capacidade de narrar tramas densas e relevantes, mesmo diante de um contexto político que, muitas vezes, subestima a arte como motor de análise e mudança na sociedade. Em um país polarizado, onde a extrema-direita procura reescrever o passado e descredibilizar o papel da cultura na construção da identidade nacional, uma obra como essa se torna ainda mais urgente.

Diogo Noventa reforça: “é cedo para dizer que o boom do cinema brasileiro já aconteceu, mas há um filme em evidência em uma indústria predominante.” O longa rebate a ideia de que somente filmes estrangeiros, especialmente os de Hollywood, conseguem atrair o público e a crítica, mostrando que um filme feito no Brasil, com a nossa língua e uma história brasileira, pode ter tanto sucesso de crítica quanto reconhecimento internacional.

A Importância de um Filme Resistente e Político

O Brasil enfrenta um momento delicado de revisionismo histórico. Correntes políticas e segmentos da direita tentam atenuar ou até rejeitar as atrocidades da ditadura militar. *Ainda Estou Aqui* surge como uma resposta crucial a essa versão adulterada, exibindo um panorama pessoal e sensível das consequências da repressão.

Baseado no livro autobiográfico de Marcelo Rubens Paiva, *Ainda Estou Aqui* narra a trajetória de Eunice após o desaparecimento de seu marido, Rubens Paiva, que foi capturado e morto pelo regime militar. A jornada de Eunice Paiva nos conscientiza de que a brutalidade oficial não é apenas um detalhe nos compêndios de história: ela destruiu vidas, desmantelou núcleos familiares e gerou feridas que persistem abertas. Essa perspectiva questiona a omissão que muitos tentam impor e enfatiza a urgência de preservar a memória histórica para que erros do passado não se repitam.

O filme também estabelece uma conexão com o cenário político atual, em que direitos fundamentais são frequentemente desvalorizados e a cultura é vista como um antagonista. Em um tempo no qual artistas são hostilizados por fomentar reflexões críticas e a cultura brasileira sofre cortes de verbas. O Congresso Nacional reduziu, no fim de março deste ano, 84% do orçamento para a Lei Aldir Blanc, que garante apoio aos trabalhadores da cultura e aos espaços culturais, uma produção como essa se mantém firme contra

o esquecimento e reforça o poder da arte como meio de resistência.

A extrema-direita, tradicionalmente procura desqualificar manifestações artísticas divergentes de sua ideologia por meio da divulgação de desinformação sobre o conteúdo. *Ainda Estou Aqui* demonstra o oposto: o cinema é um palco de disputa de versões, e a arte exerce um papel primordial na formação da memória e identidade de uma nação.

A influência política do filme extrapola seu tema. Ele personifica um esforço coletivo de resguardar a verdade em uma nação onde a mentira se tornou uma ferramenta política. Ao rememorar a trajetória de uma das muitas vítimas da ditadura, a obra confronta diretamente aqueles que tentam transformar um governo de repressão em um período de estabilidade. Assim, percebe-se que o filme não é apenas um ato cultural, mas um posicionamento contrário à tentativa de supressão da história.

O Cinema Brasileiro Sempre Esteve Aqui – E Sempre Foi Potente

O sucesso de *Ainda Estou Aqui* reacendeu o interesse pelo cinema nacional, mas a história da nossa produção audiovisual é extensa e consolidada. Filmes que exploram a identidade brasileira, refletem questões sociais e emocionam o público já fazem parte da memória do cinema. Algumas dessas produções abriram caminho para que o Brasil conquistasse destaque no cenário internacional, com narrativas originais e forte identidade brasileira.

Produções de Walter Salles, como *Central do Brasil* (1998) e *Terra Estrangeira* (1996), têm sido lembradas após o último lançamento do cineasta. Filmes como *O Auto da Compadecida 2* (2024) e *Vitória* (2025), atualmente nos cinemas, têm ganhado notoriedade como as primeiras grandes produções pós-grandes acontecimentos. Outro destaque é *O Último Azul* (2025), um filme presente em festivais internacionais, com grande potencial para se tornar a próxima grande obra brasileira de sucesso.

Outras formas de arte também ganharam popularidade após o sucesso do filme. Artistas como Erasmo Carlos, Tom Zé e Juca Chaves retornaram ao topo das paradas de sucesso após terem suas músicas incluídas na trilha sonora da obra. As produções literárias de Marcelo Rubens Paiva, filho caçula de Eunice, também passaram a ser mais valorizadas, com destaque para *Feliz Ano Velho* (1982) e *Ainda Estou Aqui* (2015), livro que inspirou o roteiro do filme.

Em entrevista exclusiva à *TV Globo*, na madrugada do dia 6 de fevereiro de 2025, logo após sua vitória como Melhor Atriz de Drama no Globo de Ouro, a Fernanda Torres afirmou: “Eu espero que ainda mais gente vá ver esse filme, vá ver *O Auto da Compadecida*, e vá ver milhares de filmes lindos que a gente faz. Vamos ter orgulho dos nossos artistas, dos nossos escritores”. De acordo com dados do Filme B Box Office Brasil, *O Auto da Compadecida 2* alcançou mais de 3 milhões de espectadores em menos de um mês.

Sempre Estivemos Aqui

Diogo destaca que as condições para o consumo de cinema no Brasil devem ser democratizadas, já que “uma pessoa que chega em casa do trabalho às 21h não tem condições mentais, físicas e financeiras para assistir a um filme fora do padrão, no outro polo da cidade no dia seguinte.” O cineasta ainda expõe que, com o sucesso do longa-metragem, o público pode “passar a ver filmes de maneira mais diversificada, abrindo espaço para outros estilos cinematográficos, brasileiros ou não.”

Os filmes brasileiros atravessam gerações, formatos e gêneros, mas têm em comum a capacidade de contar histórias que dialogam com a realidade do país. Se *Ainda Estou Aqui* despertou um novo olhar sobre a produção nacional, é essencial reconhecer que esse movimento não começa agora. O cinema brasileiro sempre esteve presente, criando narrativas que ressoam dentro e fora do país, reafirmando seu papel como um dos pilares da cultura nacional.

Exposição dos
cartazes de *Que
Horas Ela Volta?*
e *Kobra – Auto
Retrato*



© Manoella Marinho

Vale a pena ver de novo?

Com o crescimento do streaming, telenovelas precisam repensar suas estratégias

Por Amanda Furniel, Ana Julia Mira, Fernanda Dias, Luane França e Thaís de Matos

Segundo o relatório de 2021 feito pelo Streaming Global do Finder, o Brasil é o segundo maior consumidor de serviços de *streaming*, o que tem modificado o cenário das novelas e do entretenimento no país. Em média, os brasileiros gastam até R\$100,00 com serviços de *streaming*. É o que diz a pesquisa realizada pela Serasa Experian em parceria com o Opinion Box, plataforma de pesquisa e mercado, em agosto de 2024. O levantamento aponta que a população agora assina, em média, duas plataformas para consumo audiovisual, um hábito presente no orçamento de 79% dos brasileiros. Mas, afinal, o que significa *streaming* e por que essa tecnologia tem ganhado tanto espaço?

O termo *streaming*, como é conhecido atualmente, nasceu aproximadamente em 2011 nos Estados Unidos, impulsionado pelo avanço da internet e pela crescente busca por conveniência. Originária do inglês, a palavra refere-se a uma tecnologia de envio instantâneo de dados de áudio ou vídeo, permitindo que filmes, séries e músicas sejam consumidos sem a necessidade de download prévio. Para isso, basta possuir uma assinatura e acesso à internet.

No Brasil, a Netflix se destacou como referência inicial nesse segmento. A plataforma chegou ao país em setembro de 2011, ofertada por uma mensalidade de R\$15,00 e ainda sem produções originais. A partir de 2013, passou a investir em conteúdo próprio, lançando sucessos como *House of Cards* e *Orange Is The New Black*.

Após sua chegada ao Brasil, a plataforma abriu caminho para a entrada de outras concorrentes no mercado de *streaming*. Em 2013, foi a vez do Deezer, seguido pelo Spotify em 2014 e pelo Amazon

Prime Video em 2016. A partir de 2018, novas plataformas como Apple TV+, Disney+ e HBO Go (substituída posteriormente pela HBO Max, agora chamada apenas de Max) chegaram ao país.

Cada vez mais serviços nacionais como Globoplay e Telecine Play também ganham espaço e ampliam a concorrência. Além dos serviços de vídeo e música, o mercado de *streaming* expandiu-se para transmissões ao vivo de esportes e jogos, como a Twitch.

O ritual que unia famílias brasileiras

Antes da ascensão do *streaming*, as novelas ocupavam um lugar especial no dia a dia da população brasileira, influenciando comportamentos, modos de vestir e gostos. Por muito tempo, o público noveleiro parava seus afazeres no horário da novela e, junto da família, consumia o mesmo conteúdo que milhares de brasileiros.

A relevância desse conteúdo não apenas consolidava a cultura noveleira, mas também criava tendências, como a icônica pulseira indiana usada por Jade (Giovanna Antonelli) em *O Clone* (2001).

Segundo dados da Kantar IBOPE Media, empresa de pesquisa e medição de audiência, em 2017 a novela “Êta Mundo Bom” rendia para a emissora Globo 32,2 pontos de audiência, 11 pontos a mais que «Mania de Você», atualmente em exibição. O sucesso da novela de 2016 levou a uma estratégia que vem se repetindo: a de fazer um remake.

Na tentativa de replicar os níveis de audiência do passado, muitas emissoras apostam no modelo hollywoodiano de refazer as novelas de sucesso – fora as reprises de novelas no bloco “Vale a Pena Ver de Novo”, existente desde 1980. Essa ferramenta tem a ideia de trazer um sentimento de nostalgia a quem assistiu a primeira versão e conquistar novos telespectadores, modernizando a história sem tirar sua essência.

Isso aconteceu com “Pantanal”, que voltou às telas em 2022 e reconquistou o público. “Tem toda aquela coisa da memória efetiva; mesmo quem não



© TV Globo

Durante a exibição de “O Clone” em 2001, a pulseira indiana virou tendência no Brasil

assistiu, ouviu falar”, afirma Maria Cristina Munglioli, editora adjunta da Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, ao **Contraponto**.

Hoje, a relevância e alcance das telenovelas mudaram e, conseqüentemente, os seus consumidores também. A principal razão pode ser a fragmentação da atenção dos telespectadores com novas concorrentes, como explicado ao **Contraponto** pela doutora em Antropologia Social, Tatiana Siciliano: “Antes a televisão linear era muito forte e hegemônica, porque só tinha ela. Você não tinha concorrência”.

A Rede Globo, que antes tinha a exclusividade da população, agora precisa lutar pela adesão do público, principalmente com os *streamings* e as redes sociais, que disponibilizam seu conteúdo em qualquer horário, local e a quantidade de tempo de consumo que o usuário desejar.

O refúgio das histórias no isolamento

Com a chegada da pandemia da Covid-19 em março de 2020, uma adaptação rápida à uma nova realidade foi necessária tanto na saúde, quanto no cotidiano dos telespectadores. A tecnologia tampouco ficou isenta dessa mudança e foi um dos campos mais transformados em face às necessidades daquele contexto.

O *streaming* já estava em crescimento mesmo antes da pandemia, mas o momento foi propício para o seu auge e hegemonia até hoje. Além desse fator, a presença da internet nos smartphones, e esse serviço *on demand* – expressão em inglês que significa «sob demanda» – vinham contribuindo para um indivíduo cada vez mais fechado socialmente e preso em sua própria “bolha”. Dessa forma, também há uma mudança na forma de



© Pivô Audiovisual

A telenovela *Beleza Fatal* conquistou espaço no streaming

consumir conteúdo, e que se intensifica com a Covid-19, como afirmou Tatiana.

“Há uma individualização também da forma de assistir os programas; as pessoas já estavam cada vez mais assistindo as coisas nos seus quartos, menos coletivamente, pensando de uma forma mais segmentada. Então, quando há o encontro dessa visão de mundo com o meio propício, aí sim, foi na pandemia que isso realmente chegou ao ponto maior”, explicou a pesquisadora.

Com a fragmentação da audiência das novelas e o crescimento do *streaming* antes da pandemia, esses fatores se intensificaram durante e após o período pandêmico. A novela *Beleza Fatal*, da Max, que estreou em janeiro deste ano, acompanhou essa tendência.

Infelizmente, a TV brasileira sentiu os impactos da era digital, já que o público busca entretenimento rápido nas plataformas de *streaming*, enquanto a programação televisiva segue uma grade fixa. Durante décadas, as novelas brasileiras fizeram parte da rotina das famílias que se juntavam para ver os capítulos diários, além de serem transmitidas de forma gratuita na TV aberta.

Entretanto, após a popularização dos canais de *streaming*, esse hábito se transformou e o consumo de conteúdo passou a ser mais individualizado. Como consequência, a televisão perdeu parte de seu papel como ponto de encontro do cotidiano brasileiro, e as novelas que, antes mobilizaram grandes audiências, hoje em dia enfrentam desafios para manter seu impacto cultural. Apesar disso, *Beleza Fatal* estreou na Max com sucesso, adaptando o formato tradicional das novelas ao *streaming*. A recepção positiva prova que as novelas podem se reinventar sem perder sua essência.

Entre o enredo clássico e a narrativa moderna

A novela sempre foi parte da cultura brasileira, reunindo famílias para acompanhar tramas envolventes, torcer pelos mocinhos e se surpreender com os vilões. Exibidas em horários específicos, elas se adaptavam ao público de cada faixa. “Teve uma época em que as pessoas paravam na frente da TV e assistiam tudo. Cada horário de telenovela era único”, comenta Rômulo Santana, estudante de jornalismo e pesquisador de novelas brasileiras.

As novelas das 18h costumam ter uma narrativa leve, com humor e romance, geralmente de época. As das 19h trazem tramas mais complexas, vilões marcantes

e temas um pouco mais profundos. Já as das 21h apostam em histórias intensas, com vilões menos carismáticos e mais perversos, explorando um tom mais forte e caricato.



© TV Globo

A vilã Carminha (Adriana Esteves), de *Avenida Brasil*

No passado, esses horários eram sagrados nas casas brasileiras. Porém, um público que antes tinha sua vida regida por um horário rigoroso, hoje é prisioneiro da correria e inconstância que a evolução tecnológica trouxe. Com o avanço da internet e das plataformas digitais, o público consumidor de novelas mudou: se antes as produções eram voltadas para um espectador que seguia rigidamente os horários da programação televisiva, hoje, há uma demanda crescente por flexibilidade. O público quer assistir quando e onde quiser, o que impulsiona a popularidade das novelas no *streaming*.

A principal distinção entre novelas da TV aberta e as de *streaming* está no formato e no consumo. Enquanto a novela tradicional aborda capítulos mais longos e diários, com ritmo linear, as produções para plataformas sob demanda trazem tramas que seguem o modelo das séries, com menos episódios e narrativa mais dinâmica.

Um exemplo desse novo formato é *Beleza Fatal*, a primeira novela latina feita exclusivamente para o *streaming*, lançada na Max, em janeiro de 2025. A nova aposta da Warner Bros. Discovery é uma trama de 40 capítulos, um número bem inferior em comparação às novelas de TV aberta, a maior preocupação do escritor Raphael Montes era criar uma novela mais direta, sem muitas voltas no enredo.

A liberdade criativa também é maior no *streaming*. Enquanto as novelas da TV aberta precisam respeitar padrões para um público massivo, as plataformas sob demanda permitem roteiros mais ousados e diversificados. Em *Beleza Fatal*, vemos cenas explícitas de sexo, uma

representação muito mais fiel de relacionamentos LGBTQIAPN+ – que é, em geral, muito mal trabalhada na TV aberta por conta da repercussão da audiência – e um linguajar muito mais informal. Todas essas características fazem sentido na narrativa e trazem o toque especial que faz a novela ser tão única e excêntrica. São pontos muito importantes para a trama, mas que se fosse para uma telenovela em rede aberta, seriam censurados e desconsiderados.

O futuro das novelas no streaming

O modelo de negócios também se adapta à nova realidade. Enquanto a TV aberta depende de publicidade,

os serviços de *streaming* funcionam com assinaturas e parcerias, permitindo maior investimento em inovação narrativa e visual. “A Globo tem se preocupado muito em fazer isso (aumentar o investimento em novelas para uma inovação na área da dramaturgia) nos últimos anos, eles começaram a investir em outros tipos de materiais para a cenografia, um novo estilo de fotografia em que agora ela é um personagem que ajuda a contar a história”, explica Rômulo.

O estudante e pesquisador continua explicando sobre os novos investimentos na área da dramaturgia brasileira: “Eu sinto que essa mudança veio depois da pandemia. Você precisa criar coisas com mais personalidade [...] e a Globo é um lugar que tem dinheiro para fazer isso, a Max também tem dinheiro para fazer isso, porque é um *streaming* filho de uma grande produtora internacional que tem grana para fazer acontecer.”

A produção de *Beleza Fatal* contou com diversos cenários, uma grande equipe de produção e seis meses de gravação, unindo elementos de filme, série e novela. Plataformas como Max e GloboPlay estão investindo nesse formato. A GloboPlay, pioneira no *streaming* de novelas, apostou em produções originais como *Verdades Secretas 2* e *Todas as Flores*, com abordagem mais cinematográfica e temas mais densos. A tendência é que essa transição continue, e o que antes era exclusivo da TV aberta passe a coexistir com os modelos sob demanda. A novela brasileira, um dos gêneros mais bem sucedidos da indústria audiovisual do país, está se reinventando para se manter viva no novo cenário digital.

Como o conservadorismo tem afetado as produções cinematográficas

A elite tradicional, ao reforçar seus valores antiliberais, molda e limita o consumo do público às obras audiovisuais

Por Lucca Cantarim, Luis Henrique Oliveira e Kaleo Ferreira

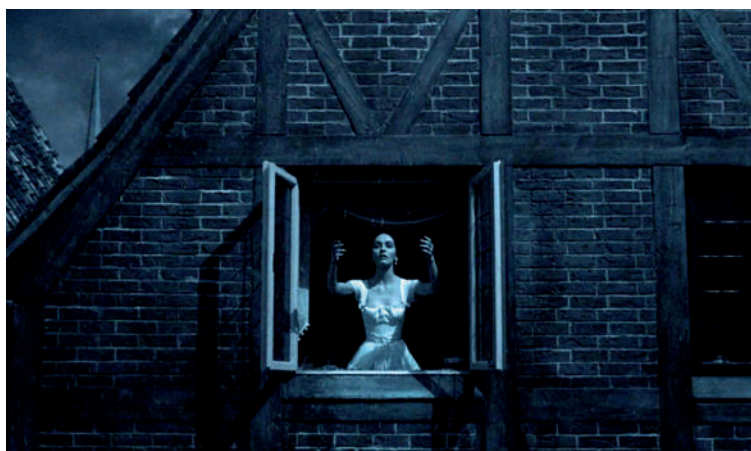
Cada vez mais o conservadorismo se espalha pelo mundo, e com ele o retrocesso em relação ao avanço das pautas socioculturais. Os ideais tradicionais representam uma ameaça direta à cultura e ao cinema mundial, obras que contrariam os valores da “família tradicional” tem sofrido duros ataques do público nas redes sociais.

A reação e crítica do público ao filme *Nosferatu*, que teve uma nova versão em 2024, foi em grande parte negativa. Devido às cenas eróticas no X, antigo Twitter, se proliferaram comentários como: “Nosferatu é um pornô de terror, que filme nojento...”. Mariana Dominique, estudante de Cinema na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em entrevista ao **Contraponto**, reagiu a esses comentários com frustração: “São muito hipócritas, fazem todo um alarde parecendo que nunca viram seios na vida”.

Essa onda de puritanismo atingiu não apenas o clássico do terror estrelado por Bill Skarsgård, mas tem se tornado uma tendência nos últimos anos, em que qualquer cena erótica tem sua “necessidade” posta em cheque. Além disso, fetiches são demonizados, como um ataque à liberdade sexual que a população, principalmente a feminina, batalha tanto para ter.

“O conservadorismo sempre esteve presente nas obras, principalmente quando nos lembramos que a maioria dos produtores são homens brancos, héteros e cis. Mas, agora, no âmbito de recepção dos filmes é algo completamente diferente, já que um longa, feito para um grupo específico de pessoas, pode às vezes sair do nicho” explica Mariana sobre tais comentários nas redes.

Atualmente, a onda conservadora tem vindo com muita força e atacado grandes produções como *Babygirl*, *Baby*, *Anora*, entre outros filmes que tratam de assuntos fora dos padrões estabelecidos pela “família tradicional”. Obras que abordam temáticas como a vida na prostituição, pautas LGBTQIAPN+, cenas de sexo – escancarando realidades subjugadas pela sociedade – são atacadas



Lily Rose-Depp como Ellen Hutter na nova versão do clássico *Nosferatu*

por contar histórias que escapam do que é aceito pela elite conservadora.

O vencedor de cinco categorias no Oscar 2025, *Anora*, vem sofrendo críticas após sua vitória. O longa acompanha a vida de uma garota de programa, o que levou muitos internautas a fazerem comentários odiosos e proferirem falas misóginas contra Mikey Madison, atriz principal da obra e vencedora da categoria Melhor Atriz na premiação.

O medo de que essas falas reacionárias interfiram na produção de próximas películas tem se tornado cada vez mais frequente entre cinéfilos. “Eu espero que essa onda não influencie os novos longas-metragens”, diz a jornalista e crítica de cinema, Flavia Guerra, reiterando que a indústria cinematográfica não deve retroceder nesses temas. “O papel da arte e da cultura não é o de responder à demanda de apenas um grupo. Aqueles que produzem cultura precisam ter um farol crítico, buscando ser um molde para a nova geração”, afirma ela.

Com o avanço das redes sociais, a facilidade de acesso e propagação de falas retrógradas tem se tornado algo recorrente – principalmente entre jovens do gênero masculino, segundo pesquisas feitas pela agência Glocalities International B.V. Segundo a pesquisa, os homens de 18 a 24 anos são o grupo mais socialmente conservador, enquanto mulheres da mesma idade tem se tornado cada vez mais liberais.

Para a Glocalities, grande parte da ascensão antiliberal advém da desilusão e pessimismo em relação ao futuro, juntamente com governos que não facilitam uma evolução saudável para jovens. Além disso, os algoritmos em mídias sociais têm atraído mais indivíduos com visões conservadoras a ideias extremistas.

A presença de internautas expressando suas impressões sobre o audiovisual na internet vem substituindo a crítica especializada na hora de moldar a opinião pública sobre a cultura e as artes. Para Flavia Guerra, os *influencers* podem ajudar a provocar reflexões e trazer consciência para o telespectador. “Não precisa ser necessariamente crítico de carteirinha para influenciar pessoas com coisas bacanas. Mas, às vezes, quando a pessoa não domina exatamente os procedimentos da crítica, ficam dicas muito superficiais, vídeos muito mais de entretenimento do que de crítica em si”.

Por conta do fortalecimento desse tradicionalismo, a cultura acaba sofrendo uma perda em todas as esferas audiovisuais. No Brasil esse movimento do público já está influenciando as grandes produções, o único casal gay na novela de época da TV Globo, *Garota do Momento*, foi cortado. A trama do casal Guto (Pedro Goifman) e Vinicius (Elvis Vittorio) foi encerrada subitamente, com medo da reação de seu público conservador. A emissora soltou uma nota negando a decisão e dizendo: “Não houve decisão ou orientação da emissora diferente do que sempre esteve previsto para esta trama. Não houve mudança em relação ao que estava planejado para essa história dentro da novela”.

O mesmo ocorreu na novela das nove, *Mania de Você*, que teria um casal lésbico formado por Fátima (Mariana Santos) e Diana (Vanessa Bueno), que se uniriam após decepções amorosas em seus casamentos. Por conta da rejeição do público, as personagens se tornaram apenas amigas íntimas.

© Divulgação Cinemark



Pôster de “Anora”, ganhador do prêmio de Melhor Filme do Ano no Oscar 2025

Expansão do mercado de jogos eletrônicos encontra desafios na indústria brasileira

O universo de games, apesar de ser um espaço atraente para as novas gerações, demonstra que o Brasil não procura auxiliar pequenos produtores

Por Ana Clara Farias, Daniel Santana e Isabelle Rodrigues

Em 2024, o mercado de games acumulou quase 188 bilhões de dólares, de acordo com a plataforma Newzoo. No ano anterior, ele arrecadou US\$180 bilhões. Um crescimento anual de 2,1% e que atraiu 3,42 bilhões de jogadores. A vasta gama de cursos e estúdios no país é uma prova concreta desse aumento. O espaço que antes era preenchido por grandes empresas, abriu suas portas para as plataformas de venda e publicação online. *Steam* e *Itch.io*, são as plataformas que ganham espaço entre os pequenos desenvolvedores por possuírem interfaces simples, e são conhecidas como berço dos jogos *indies* (independentes).

No Brasil, não foi diferente com o surgimento de novos nomes na indústria que vem alcançando fama nacional e internacional. O consumo de jogos continua em crescimento exponencial de 3% ao ano, nos últimos dados divulgados pela Associação Brasileira das Desenvolvedoras de Jogos Digitais, Abragames em 2022. Historicamente, o país já possuiu uma população grande de jogadores, em consideração a pesquisa parcial levantada no início de 2025, pelo grupo PGB, mais de 80% da população nacional tem costume de jogar alguma coisa, se considerado todos os tipos de mídia, como celulares, computadores e consoles.

A presença dos brasileiros é forte nos *E-sports* e na criação de conteúdo relacionado, porém ainda existe um longo caminho para percorrer quanto ao desenvolvimento da indústria nacional. Em maio de 2024, também foi aprovada a Lei Marco Legal dos Jogos Eletrônicos (Nº 14.852), que visa regularizar a produção e comércio dessas mídias, por ser relativamente nova, seus efeitos ainda não causaram grandes mudanças no meio.

Os jogos eletrônicos são uma paixão nacional, com muitos jovens trocando a bola de futebol pelos consoles. O mundo da criação de conteúdo, principalmente no streaming, funciona como um marketing eficiente. Criadores da área fizeram – e fazem – parte da infância de boa parte da Geração Z, tornando o que era apenas um hobby em uma promissora perspectiva de trabalho.

Os alunos recém-formados em desenvolvimento de jogos relatam sofrer com

a falta de vagas, situação que se relaciona diretamente à pouca verba dedicada a essas produções. Segundo a estudante de desenvolvimento de jogos, Maya Abranches, “é difícil ter uma perspectiva de trabalho, principalmente por existir pouco incentivo governamental na área”. Desenvolver um jogo custa caro.

Designers, sonoplastas, dubladores e programadores são apenas o início do cálculo de gastos, e, em estúdios pequenos com equipes menores, é complicado manter as contas em dia. Abranches destaca sobre a ausência de ofertas de salários atraentes: “Muita gente só não vê desenvolvimento de jogos como um trabalho de verdade, e dentro do próprio mercado salários não são a melhor coisa a não ser que você seja lead de alguma área do projeto”.

Uma alternativa popular é o financiamento coletivo, que funciona da seguinte maneira: o desenvolvedor abre a campanha em um dos diversos sites da categoria, como as plataformas *Kickstarter* e *Catarse*. Depois são estabelecidas determinadas metas para os valores arrecadados. Os jogos *Enigma do Medo* e *A Lenda do Heroi* foram produzidos dessa forma.



Os campeonatos de e-sports possuem uma magnitude comparável aos torneios mais famosos de futebol

Ambos são do mesmo estúdio e contam com colaborações de criadores de conteúdo, o que garantiu um fluxo maior de dinheiro arrecadado.

Publicações Brasileiras

Segundo o site *Indústria dos Jogos*, existem 897 estúdios no Brasil e 2389 jogos publicados até o início de 2025. Desses números, a visibilidade dos títulos nacionais é quase mínima perto dos internacionais. Em 2024, foram lançados mais de 18 mil jogos apenas na plataforma *Steam*, enquanto, apenas no Brasil, foram lançados 56 títulos, de acordo com o portal *IGN Brasil*.

A produção de jogos em território nacional é antiga, existindo jogos lançados desde 1992, como o RPG de texto *Time Traveller*. Na geração atual, jogos como *Mullet Madjack*, *Fobia*, *Asleep*, *Dandara* e *Unsighted*, *Enigma do Medo* e *A Lenda do Heroi*, trouxeram notoriedade para esse mundo, principalmente considerando que todos possuem a opção da língua inglesa. Essa possibilidade facilita o reconhecimento em outros países.

Esses jogos trazem elementos da cultura e da arte brasileira da melhor forma possível, seja nos diálogos cheios de referências de *Mullet Madjack* ou nos pequenos detalhes artísticos em *Asleep*, como a estética do interior da casa da protagonista, por exemplo.

Segundo a pesquisa do portal “Programa Explorer”, a produção do jogo indie pode custar entre 50.000 a 500.000 reais. No Brasil, um país onde 27,4% das pessoas vivem em níveis de pobreza, certos tipos de entretenimento tornam-se luxos e os jogos eletrônicos são líderes nessa categoria. Muitos jogos que conseguem ver a luz do dia, enfrentando as adversidades, não fazem sucesso comercial. Um dos motivos para isso é o mercado de jogos Triple AAA, os famosos jogos de orçamentos milionários de empresas consolidadas, como *Nintendo* e *Sony*.

Brasil e a indústria internacional de games

Nos últimos anos, o Brasil tornou-se palco de uma verdadeira invasão de jogos eletrônicos internacionais. Títulos como *Fortnite*, *PlayerUnknown’s Battlegrounds* (*PUBG*), *League of Legends* (*LoL*) e *Overwatch* têm conquistado o coração dos brasileiros, tornando-se uma parte importante da cultura *gamer* nacional. De acordo com dados recentes, é possível

observar que a popularidade desses jogos no país é expressiva. *Fortnite* conta com mais de 10 milhões de usuários, enquanto *PUBG* e *LoL* somam, respectivamente, mais de 5 e 2 milhões de jogadores. Outros exemplos, todos com mais de 200 mil adeptos brasileiros, são *Overwatch*, *Apex Legends*, *Call of Duty* e *Assassin’s Creed*.

Essa combinação de fatores com a melhoria da infraestrutura de internet, o aumento da acessibilidade aos dispositivos de jogos e a crescente participação das redes sociais e das comunidades online criam uma tendência de intercâmbio entre os países.

Uma perspectiva que está além das câmeras de *Ainda Estou Aqui*

Mais do que um relato pessoal, o livro detalha momentos íntimos além dos apresentados pelo filme

Por Ana Luisa Accioli

O livro escrito pelo paulista Marcelo Rubens Paiva, publicado pela editora Alfaguara em 2015, teve sua adaptação para o cinema em 2024. Porém, a obra nos mostra muito mais do que um relato da família após o sumiço do seu pai, o ex-deputado federal Rubens Paiva.

Ao começar com reflexões sobre a memória – algo fundamental em um livro que discute o passado – temos a conexão entre o início e o desfecho dessa história. Marcelo nos leva por suas lembranças, divididas em três partes: a primeira, de uma infância feliz; a segunda, marcada pelo desaparecimento de seu pai e pela agonia que sua família vive durante a ditadura militar; e a terceira, que abrange da redemocratização do país até os dias atuais, quando ele cuida da mãe, já nos últimos estágios do Alzheimer.

Marcelo Rubens Beyrodt Paiva é escritor, dramaturgo, roteirista e jornalista. Autor de “Feliz Ano Velho” (Alfaguara, 1982), obra que também tomou conta do cenário nacional. Ela conta a história real de quando o autor sofreu um acidente que o deixou tetraplégico. Foi ganhador do Prêmio Jabuti de Literatura (1983) e do Prêmio ABL de Cinema (2012). Hoje se dedica à carreira que seguiu ao longo da vida como músico e faz shows entre São Paulo e Rio de Janeiro.

Acompanhar o sumiço de Rubens Paiva nas telas do cinema é angustiante. Mas, ao vivenciar essa história por meio de uma narração em primeira pessoa e imaginar uma criança de onze anos passando por essas experiências, temos não apenas um testemunho sobre a ditadura, mas também um relato extremamente sensível sobre uma infância e uma vida alteradas de maneira irreparável. Após a reinvenção de sua mãe e a mudança da família para São Paulo, descobrimos as inúmeras maneiras como foram impactados. Com o país ainda sob comando militar, muitos temiam ser associados a Eunice, já que ela nunca desistiu de lutar pela verdade e pela justiça. Enquanto isso, seus filhos buscavam viver uma juventude normal.

Marcelo reflete sobre como sua mãe precisou abrir mão de suas funções como dona de casa para construir uma carreira ao mesmo tempo em que lidava com o luto. É uma pena que Eunice seja reduzida à figura de “viúva da ditadura” – como na cerimônia do Oscar, quando o apresentador Conan O’Brien fez uma piada dizendo que sua esposa teria amado o filme por retratar a vida de uma mulher após o

desaparecimento do marido. Afinal, Eunice foi muito além disso: tornou-se uma das primeiras especialistas em direitos indígenas no Brasil, fundou o Instituto de Antropologia e Meio Ambiente (IAMA) e foi consultora da Assembleia Nacional Constituinte. Eunice Paiva é um exemplo como mulher, mãe e advogada.

O livro, com sua escrita fluida, provoca risadas com anedotas do autor sobre momentos constrangedores e engraçados de sua vida. Porém, emociona ao retratar a dor de sua família e nos leva à reflexão sobre como o Brasil lida com seu passado. Apesar de narrar a história dos Paiva, a obra é também um importante documento histórico de diferentes períodos do país. Graças à escrita informal e cativante de Marcelo, conhecemos a família de maneira íntima – seus cotidianos, suas personalidades e suas vidas. Parece que estamos ouvindo um amigo contar suas memórias em uma conversa descontraída. Sua habilidade narrativa convida, aproxima e nos transporta para seus relatos, como se tivéssemos presenciado tudo acontecer diante de nossos olhos.

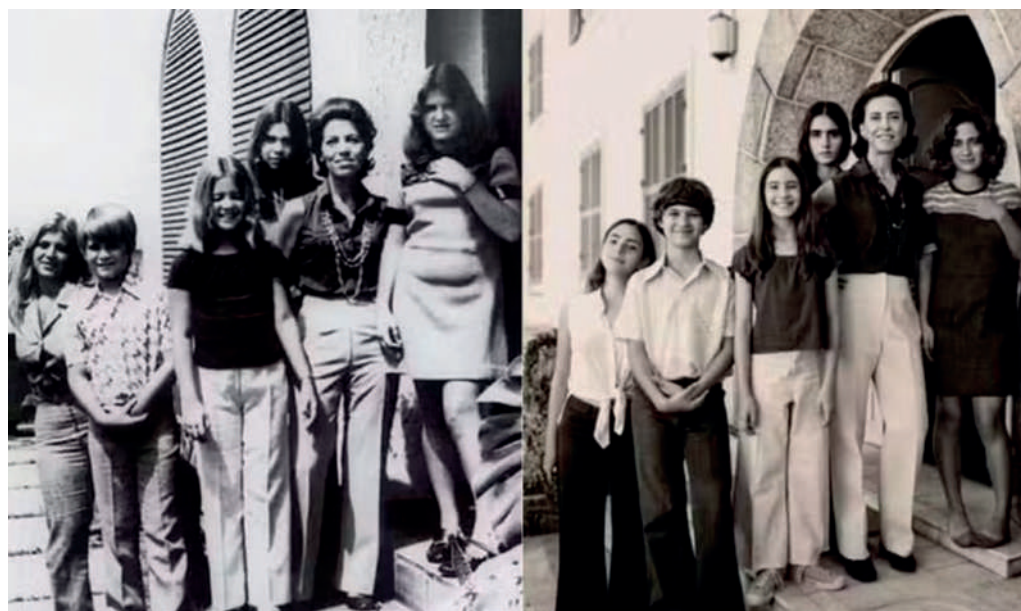
O filme é uma obra-prima e merece todo o reconhecimento que está recebendo. A atuação de Fernanda Torres e Selton Mello é excepcional, assim como a direção de Walter Salles, que trouxe ao Brasil seu primeiro Oscar na categoria Melhor Filme Estrangeiro. Exaltar o cinema brasileiro é necessário, e saber que ele está conquistando tanto estrangeiros quanto brasileiros – que antes desconheciam ou desmereciam essa parte de nossa cultura – é extraordinário. O objetivo aqui não é

de criticar o filme, mas de chamar a atenção aos que gostaram da adaptação para o fato de que o livro oferece uma experiência ainda mais completa.

Marcelo conta, em entrevista à *L’Officiel*, embora tenha sido estranho ver sua vida retratada nas telas, elogiou o trabalho de Walter Salles. Ele também revelou que o maior impacto veio da atuação de Selton Mello, que teve de se basear apenas em relatos dos filhos e amigos – enquanto Fernanda Torres pôde assistir a diversas entrevistas com Eunice. Ao ver o filme, mesmo sendo amigo de Selton Mello há muito tempo, Marcelo sentiu que estava vendo seu pai na tela.

Com a distância de quase dez anos entre seus lançamentos, o filme e o livro representam a época em que foram publicados. Marcelo escreveu o livro inspirado pela Comissão Nacional da Verdade, instituída em 2012 e finalizada em 2014, com o objetivo de investigar os crimes cometidos pelo governo entre 8 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988. Já o filme foi lançado em um momento crítico: veio à tona a acusação de que Jair Bolsonaro teria feito supostamente planos para um golpe de Estado. Isso sem esquecer os ataques de 8 de janeiro de 2023, quando apoiadores do ex-presidente, inconformados com a vitória do atual representante do Estado, Luiz Inácio Lula da Silva, pediram intervenção militar e invadiram a sede dos Três Poderes, em Brasília.

Em um país onde figuras políticas homenageiam torturadores da ditadura, lembrar o passado e manter essas histórias vivas é essencial.



A imagem mostra a foto original da família Paiva para a revista *Manchete* e a reprodução feita para o filme

© Arquivo pessoal/Globo

Emilia Pérez é o mais novo caça Oscar do momento

A obra levanta grandes críticas sobre narcotráfico, transição de gênero e a violência no México, mas sob um olhar limitante do país latino

Por Wildner Felix Cerqueira dos Santos

O filme musical *Emilia Pérez*, lançado em fevereiro de 2025, conta a história de um traficante mexicano que decide sair do crime e se tornar uma mulher, com a ajuda de uma advogada. Dirigido pelo cineasta francês Jacques Audiard, também diretor do filme *O profeta*, o longa de comédia criminal chega repleto de temas antipatizados pela sociedade, visando trazer holofote a estas causas, sem sucesso. O filme concorreu a 13 categorias no Oscar e levou duas estatuetas por “Melhor Atriz Coadjuvante” para a atriz Zoe Saldaña, e por “Melhor Canção Original” com “El Mal”.

O elenco principal conta com três atrizes, Karla Sofía Gascón, espanhola que interpreta o traficante “Manitas”, e posteriormente se torna Emilia Pérez; Zoë Saldaña, estadunidense que dá vida a advogada Rita Mora Castro; e a cantora estadunidense Selena Gomez, que interpreta a esposa de Manitas, Jessica Del Monte.

situação da cidade: suja, perigosa, escura e de condição precária. Em meio a cantoria, no decorrer da música que fala sobre “o que falamos quando falamos de violência”, é possível ver um homem esfaqueando outro e ninguém esboçando nenhuma reação, como se aquela fosse a realidade nas cidades do México.

A obra que venceu o Globo de Ouro de “Melhor Filme em Língua Não Inglesa”, em 2025, leva como direção um dos nomes emblemáticos do cinema francês. Jacques Audiard ganha prêmios como diretor, desde 1996, pelo Globo de Ouro, César, prêmio BAFTA, Festival de Cannes e Festival de Veneza. O olhar de um europeu sobre uma realidade latina pode influenciar diretamente sobre os preconceitos e tabus colocados de um país de “primeiro mundo” para um de “segundo mundo”. “O espanhol é um idioma de pobres e imigrantes”. A fala de Audiard a um veículo francês, ressalta a visão caricata e banalizadora sobre os povos latino-americanos e aqueles que sofrem com a questão dos desaparecimentos.

Outro momento que mostra a visão eurocêntrica sobre o México, se dá quando Emilia Pérez percebe o alto nível de desaparecimentos na região e decide, junto a Rita, fundar uma instituição nomeada “La Lucelita” para ajudar pessoas a encontrar familiares desaparecidos. Sendo uma mulher rica, Emilia tem plena condição financeira de comprar um prédio novo para a organização sem fins lucrativos ou ao menos investir em uma reforma completa.

O que não acontece: o prédio onde a instituição funciona é visivelmente antigo, com paredes desgastadas, pintura descascando e sinais evidentes de deterioração. Esse recurso visual não parece ser apenas uma questão de descuido, mas sim uma escolha de narrativa para reforçar a ideia de pobreza e precariedade no país.

As ruas ao redor também apresentam um aspecto decadente, com pouca infraestrutura, e as próprias pessoas são retratadas de maneira a enfatizar essa atmosfera de carência e dificuldades. Para intensificar ainda mais essa sensação, a cinematografia faz uso frequente do famoso filtro amarelado, um recurso comum em filmes e séries para representar países pobres ou subdesenvolvidos. Esse tom quente e desbotado contribui para a percepção



Poster oficial de *Emilia Pérez*, de Jacques Audiard



Karla Sofía Gascón, Selena Gomez e Zoë Saldaña compõem o trio principal do filme

A trama gira em torno de Rita Mora Castro, advogada contratada para ajudar Juan “Manitas” Del Monte a traçar seus passos para viver a vida que sempre quis, longe do narcotráfico e no corpo que sempre se identificou – como mulher. Antes de realizar a transição de gênero, ela forja sua própria morte e manda sua família para a Suíça. O filme se desenrola no desenvolvimento do plano e nos desafios enfrentados por Emilia após a chave de virada que ocorreu em sua vida.

No início do filme, o foco se mantém em Rita, que é advogada criminal, trabalhando em seu último caso. Neste ato, temos a primeira música da obra que, cantada por Zoë Saldaña e acompanhada por diversos figurantes, mostra cenas com a

de um ambiente que parece constantemente árido e envelhecido, reforçando estereótipos sobre a região retratada.

Após ser sequestrada por “Manitas”, o traficante diz a Rita que quer viver sua vida e se tornar uma mulher, a advogada pergunta se ele “quer mudar de vida ou mudar de sexo?”, no que ele responde “tem diferença?”, com um ar irônico. Este é mais um momento em que o filme tenta abordar um assunto social importante e falha.

O filme estereotipa a transição de gênero ao máximo, induzindo ao pensamento de que uma pessoa transsexual abandona e ignora completamente o seu passado, mudando sua personalidade drasticamente. A forma como reduziram a transição de gênero a apenas fazer uma cirurgia e assim ser mulher, mostra como a obra não se importou em reforçar estereótipos sobre as vivências trans, e nem com a imagem que transmitiriam para pessoas que estão passando ou iniciando sua transição.

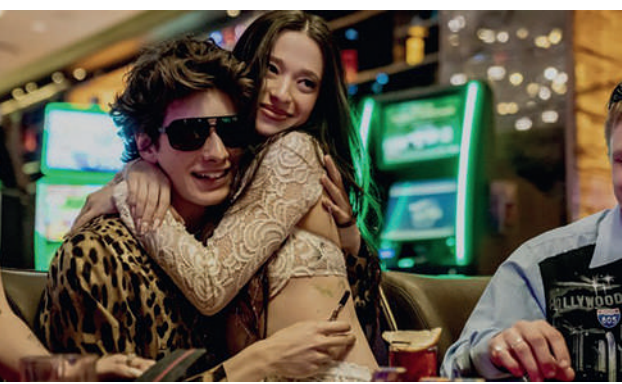
Emilia Pérez tenta abordar temas sérios e complexos, como a violência, o narcotráfico e a transição de gênero, mas falha ao tratar esses assuntos de forma superficial e sensacionalista. A obra, que poderia ser um grande nome na corrida ao Oscar, acabou sendo uma representação simplificada de realidades muito mais profundas. As tentativas de humanizar os personagens são prejudicadas pela análise e abordagem rasas de temas tão relevantes e urgentes. O filme pode até ser um novo caça-oscar, mas seu conteúdo é muito mais controverso do que inovador.

Anora e a quebra da expectativa do sonho americano

Sean Baker expõe a banalização da prostituição, mostrando como promessas vazias são quebradas, enquanto o poder e a ascensão social determinam quem realmente vence

Por Emily de Matos

O mais recente filme do cineasta Sean Baker, diretor de *Projeto Flórida* e *Red Rocket*, reafirmou seu espaço na vanguarda dos filmes americanos independentes. Com seu projeto mais ambicioso até agora, Baker realizou a campanha mais bem sucedida nessa temporada de premiações. O diretor é conhecido por retratar de uma forma sensível, única e intensa, grupos marginalizados na sociedade. Em *Anora* a mesma temática é acolhida, porém divide opiniões de público e crítica.



© Divulgação/@neon

Cena de Anora com os personagens Ani e Vanya em um cassino em Las Vegas

O filme gira em torno da personagem Anora (Mikey Madison, o grande destaque do filme), uma stripper que trabalha em uma boate em Brighton Beach, Nova York. Já na cena de abertura a atmosfera do filme é retratada, com uma energia erótica e cores vibrantes somos introduzidos à rotina da protagonista e conhecemos Ivan, ou Vanya (Mark Eydelshteyn), herdeiro de um oligarca russo.

Ivan vai com amigos no clube onde a protagonista trabalha, estabelecendo uma conexão repentina com Ani graças ao idioma compartilhado. Posteriormente, ele a convida para sua casa, e rapidamente, é possível entender o comportamento extravagante e infantil de Vanya, resultado de uma vida inteira de riqueza sem responsabilidade.

A dinâmica entre Anora e Vanya é estabelecida com precisão. Seu encontro inicial no clube de striptease evolui depressa para uma atração mútua, complicada por suas diferenças socioculturais. A protagonista é simultaneamente atraída pelo estilo de vida luxuoso e tocada pelas supostas trocas emocionais com Vanya, que tenta apenas fugir do tédio da artificialidade de seu círculo social privilegiado.

O ponto de virada central ocorre aproximadamente aos 40 minutos do longa,

quando Vanya – após uma noite de excessos em Las Vegas – pede Anora em casamento. Esta decisão impulsiva leva a uma cerimônia apressada, realizada em uma capela 24 horas com apenas um amigo como testemunha. Desse momento em diante se inicia a cascata de eventos que estruturam a segunda parte do filme. Baker filma esta sequência com uma combinação magistral de comédia absurda e tensão subjacente, estabelecendo o tom tragicômico que permeia o restante da narrativa.

Mesmo antes do casamento das personagens é perceptível que a relação está fadada ao fracasso. Tanto pela conexão claramente superficial dos dois jovens, como pelo fato de que para Vanya, esta decisão não é apenas um gesto romântico radical, mas também uma afirmação de independência contra o controle paterno. Para Anora, embora se sinta realmente atraída pela proposta, existe um desejo de ascender socialmente que a união proporcionaria – não por oportunismo, mas como uma “salvação” de uma vida marginalizada.

Tudo entra em colapso quando a mãe de Vanya descobre o casamento. Ela ordena que o associado de seu filho, Toros (Karren Karagulian), os encontre e anule o casamento antes da chegada da família aos Estados Unidos. Quando dois de seus capangas aparecem para confirmar a veracidade do casamento, Vanya foge covardemente, deixando Ani para lidar com a situação.

Assim, a garota e os dois homens ficam responsáveis por procurá-lo e anular a união. A segunda metade do filme se concentra na descrença de Ani na traição da fuga de Vanya e na busca exaustiva por ele, levando a protagonista a aceitar o acordo com a tragédia, a disparidade de riqueza e o estigma em torno de sua linha de trabalho.

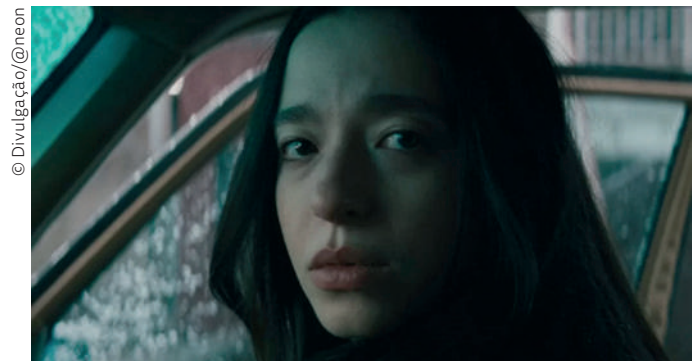
Após a dolorosa anulação do casamento, o filme estabelece um contraste brutal: Vanya retorna para a Rússia com seus pais, retomando sua vida privilegiada sem consequências, enquanto Anora é deixada em Nova York, despojada das esperanças e possibilidades que brevemente vislumbrou. Este momento marca uma transição crítica na narrativa, onde a fantasia romântica é completamente dissipada.

Como uma humilhação adicional, Anora recebe permissão para passar um último dia na casa de Vanya, uma espécie de despedida do estilo de vida luxuoso que brevemente experimentou. Esta permissão, no entanto, vem com duas condições:

ela deve partir definitivamente no dia seguinte e terá que ser acompanhada à sua casa por Igor (Yura Borisov), um dos capangas da família oligárquica.

Inicialmente apresentado como um personagem plano a serviço da família Zakharov, Igor gradualmente revela camadas mais complexas. Seu aspecto mais significativo é ser o único personagem masculino que olha para Anora além de sua ocupação. Este reconhecimento de sua humanidade integral estabelece a base para uma conexão inesperada entre os dois personagens.

No final, quando Igor está levando Anora de volta para casa, ocorre um momento de gentileza inesperada: ele devolve a ela o anel de casamento que ganhou de Vanya. Este gesto – entregar algo que tecnicamente ela não deveria manter, representa uma pequena rebelião contra as ordens que recebeu. É uma afirmação da individualidade de Anora e seu direito de preservar ao menos uma lembrança tangível de sua experiência.



© Divulgação/@neon

Momento final de Anora, com enquadramento focado no rosto de Ani

A verdadeira culminação emocional do filme não é um ato sexual, mas o momento em que Anora desaba emocionalmente nos braços de Igor. Este abraço, despido de qualquer pretensão ou performance, representa o único momento de vulnerabilidade genuína e completamente honesta no longa. Igor, por sua vez, simplesmente a abraça, silenciosamente, sem exigir nada em troca.

Ao final, *Anora* não oferece uma saída fácil para sua protagonista, mas sim um reflexo brutal da luta constante entre a esperança e a desesperança. Para aqueles que apreciam a abordagem realista e sem filtros de Baker, o filme é uma obra provocadora e impactante, mas que pode ser desafiadora e desconcertante em sua visão do mundo.

Ecoansiedade e calor humano

Por Camila Aroulho Bucoff

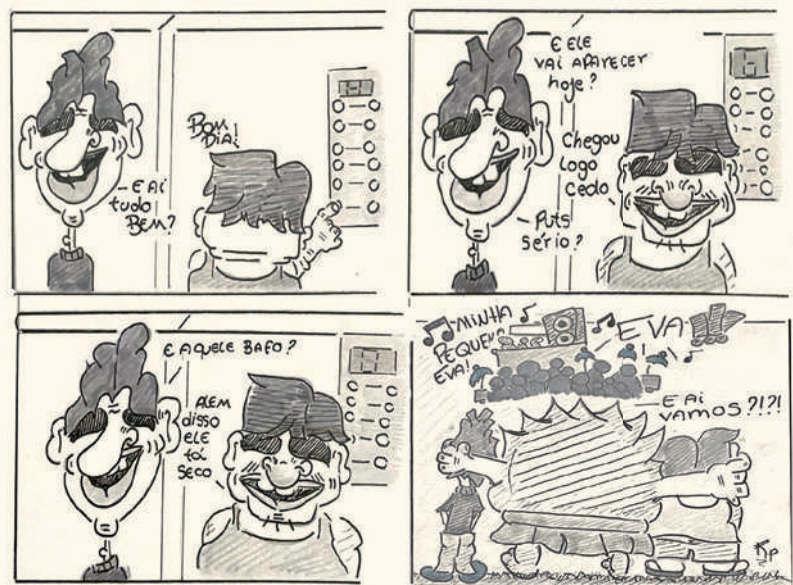
EU ACREDITO QUE A IRRITAÇÃO com a atual onda de calor no sudeste brasileiro seja praticamente unânime. Aglomeração com cheiro de suor, picadas de mosquito, pele oleosa e perda de apetite são apenas algumas das vivências desagradáveis que as temperaturas elevadas nos proporcionam. E, somadas às chuvas fortes que assolam a capital paulista, elas vêm tornando a “sensação de fim do mundo” cada vez mais cotidiana. Um termo que formaliza esse sentimento de desânimo, ansiedade e desesperança com o futuro da Terra em relação à crise ecológica é a ecoansiedade.

A expressão, criada pela Associação Americana de Psicologia, aparece indiretamente na literatura desde 1990 em livros de ecopsicologia, como o “The Eco-psychology of Climate Change”, mas só começou a conquistar notoriedade recentemente, conforme os sintomas provocados pelas mudanças climáticas se tornaram mais visíveis para a população geral. Uma conclusão curiosa que tive em função dos últimos dias e desse tipo de angústia socioambiental é a de que me tornei mais próxima de meus vizinhos nesse período de calor intenso.

Falar do clima sempre esteve no pódio da conversa fiada e é inegavelmente uma excelente forma de se puxar assunto. Chega a ser quase clichê de tão rotineiro você entrar no elevador, cumprimentar a pessoa que está lá e fazer um comentário pontual sobre o tempo. Geralmente, a outra pessoa que participa da interação social se sente na obrigação de continuar o assunto com uma outra pergunta, que pode variar entre “Como você tá? Tudo certo?”, “Já tem planos para o final de semana?”, “Você viu ontem no jornal que...?”, “E aí, quem você acha que é o favorito para ganhar o Paulistão?”.

Porém, depois de passarmos os últimos dias literalmente suando sem parar, o comentário pontual sobre o tempo se transformou em um desafo: “Meu Deus, tá puxado esse calor, hein? Nem dormi direito essa noite e o pior, se deixo a janela do quarto aberta entra algum bicho. É um horror!”. Em sequência, a raiva acumulada com a recente sensação térmica faz com que a outra pessoa concorde genuinamente com o comentário.

Pronto, nenhuma outra pergunta é necessária porque toda a viagem de elevador é preenchida por experiências compartilhadas, muitas reclamações, risadas e um pinga de solidariedade. Segundo Anton Tchekhov, médico e dramaturgo, “Nada



© Rafael Pessoa

une tão fortemente como o ódio – nem o amor, nem a amizade, nem a admiração”.

Grandes amizades minhas começaram com um ranço de alguém. Inclusive, uma das melhores sensações é quando você desconfia de que um conhecido desgosta da mesma pessoa que você e vai “jogando verde” até confirmar se é verdade. Ao mesmo tempo em que você não quer se entregar, você precisa induzir o outro a reclamar do sujeito em questão para que você concorde prontamente. Portanto, o calor se tornou aquela pessoa insuportável que quase todo mundo odeia.

Lógico que existem exceções; algumas pessoas do contra direcionam esse mesmo ódio ao frio e ao inverno, por exemplo. No meu caso, posso afirmar que 90% dos meus vizinhos se incluem no grupo de pessoas que detestam o clima atual. Ouso dizer que o calor se tornou o mais novo inimigo do meu prédio e que, talvez, só seja abafado por comentários sobre o Oscar (principalmente críticas destinadas a Emilia Pérez e ao resultado das premiações).

Em 2015, quando foi firmado o Acordo de Paris, a temperatura global havia aumentado 0,9°C. Essa mudança já era considerada alarmante na época e, mesmo assim, nos anos seguintes as condições térmicas foram aumentando progressivamente. Segundo dados da plataforma meteorológica Clima-tempo, o verão de 2025 foi o segundo mais quente da história. Quando eu paro para pensar sobre isso, o tal “ódio pelo calor intenso” se torna desespero. Mas enquanto o esforço global conjunto, compromisso político, mudanças nos padrões de consumo, medidas de restauração e proteção dos ecossistemas naturais não são efetivos, o que me resta é chamar o elevador e brindar às novas amizades.

O espanta fascismo



Por Artur Maciel

O BRASIL É, ANTES DE TUDO, CARNAVAL. Euclides, me perdoe a referência. A festa mostrando os anseios do povo em dias de suor e alegria. A folia, desde quando mundo é mundo, é dita como subversiva, o medo dos cidadãos de bem. Por isso reduzida a só uma no ano. Como a população aceitou mostrar sua vida de uma vez, deixar ao vento a verdade e o mais profundo desejo, por que gritamos antes da quarta-feira?

Quem foi o primeiro a tentar oprimir o perdão? O império português e o brasileiro, para justificar a falsa realeza, tentaram destruir nossa humilde celebração. Rei? Só o Momo e a rainha da passarela. Divina mesmo é a padroeira derramando a cerveja em seu peitoral. Mais divino ainda, o bloco de dona Rita, onde todos se vestem com perucas vermelhas e gritam: “Amor é bossa nova, sexo é carnaval”.

Vargas, no ápice de seu fascismo, queria fazer do carnaval algo nacionalista. Uma das primeiras medidas foi censurar as marchinhas. E assim ele irritou o povo. Foi nessa hora que ele descobriu o antigo: não tem moralismo no carnaval, e não tem mundo de ontem. Até o autor de *O mundo de Ontem*, Stefan Zweig, dizia: “Como o carnaval é uma festa, uma explosão de prazer, essa manifestação de alegria de toda população”.

E daí, chega *Ele*. Hoje, encurralado pelas duas palavras gritadas em toda nação: “sem anistia”. Elas saem do carro de som, e ecoam em todo Brasil. Todos gritam o lema. A vontade de um povo ali. Não tínhamos dúvida, seminus, molhados e brilhando com todo tipo de gente, rimos e comemoramos por tudo.

E tinha muito a comemorar. O prêmio do Oscar, melhor que a Copa no meio da maior festa. No domingo à noite marcamos horários e tiramos a purpurina para aquela estatueta. Nos tornamos um só. O filme é político, assim como o carnaval é político. Comemoramos, afinal estamos aqui, e o outro lado, confuso, também comemorou. Entendeu a dor da história. Mas não da identidade, faltou conexão. Mas eles apoiam, eles gritam o nome dos atores, das atrizes e dos diretores. Enquanto aqueles que um dia estavam no topo da piscina choramingam. Acham fantasmas de sua própria criação, buscam o passado não existente.

A vitória do Brasil foi uma perda *dele*. A vitória do Brasil visa o mundo. Proibição de canudos de papel, motosserras e um vídeo de Trump sobre Gaza. Ao olhar lá fora, ver o mundo de cabeça pra baixo. O choro vem, me preparo para largar a caneta e as pulseiras de babaçu. É o floreio, a rapadura e a graviola. Na fuga, o Império Serrano me vem com Beto sem braço: “O que espanta a miséria é a festa”.

E pra achar esse passado matam o presente. Uma anedota. No interior do Brasil, um prefeito disse: “Por mim, nada de carnaval”. Ele culpou a segurança, o trânsito e, afinal, o tamanho da cidade. Não precisa pensar demais: Se parece um, fala como um e proíbe o carnaval, sei o que ele é. E me resta só recitar uma marchinha: “Olha que legal, sua cara de bunda na minha cara de pau!”.

Tudo se funde. A roupa de presidiário em um outro contexto. Eles não aguentam a piada, jogam lata e partem para violências. O passado presente outra vez. Na nossa vez, corremos para a festa durar o máximo possível e vivemos na fantasia para achar a verdade. O carnaval é cultural. Ele começou como um controle do povo, a hora de liberar os sentimentos não ditos do ano inteiro. E agora, ele é nosso. “A liberdade sou eu”, dizia em uma placa do bloco roxo e amarelo.

Nessa *realpolitik*, o antípoda do antinazista talvez se encontre no *after* do folião. Quem sabe, o homem mais rico do mundo não desça por aqui e apanhe como o outro estrangeiro e sua tatuagem de Mengele? E esse vigarista, com sua política de olho por olho, vai se dar mal. A história não esquece a verdade.

O homem, expulsando os outros, abriu as portas para a injustiça, assim como os ancestrais de seus ancestrais. Foi na morte de Carter onde deu para ver o buraco. Aquilo não é um homem, é a ampliação do ano do macaco refletida no ano da serpente. Um homem com sede da guerra do outro. Tantos anos e nada de novo. O próximo passo dele é proibir o tambor.

Vamos analisar a batucada como um antropólogo para voltar milênios atrás, quando brigávamos, procurávamos conselhos. Escutamos as vozes ancestrais. Quem dera isso continuasse nessa época de juristas golpistas e orçamentos secretos. E ouvimos ela aqui, no meio da festa, fazendo *tum-tum* no meio da rua, sendo molhado por mangueiras e baldes d’água. Sim, o tambor contra a extrema direita. O batuque da liberdade.

O carnaval existia antes do Brasil. Mas aqui ele foi inventado, virou vontade. Reexistência, senhoras e senhores. Sodoma e Gomorra depois de seus milênios esquecidos pelos pecados voltam aqui, no meio do asfalto, com gosto de cerveja quente. Apagadas nunca mais, censuradas pelo quê?

A quarta chegou, acabaram os blocos, secaram as bebidas, calaram-se os vomitórios e se encerraram os beijos. Colocamos a fantasia no armário. Nos últimos momentos dela, a roupa se lembra das diversões, do suor dos outros, e chora. Enquanto isso, colocamos a camiseta de gola, vamos engravatados para o mesmo prédio, rir das mesmas piadas. A condição inimaginável da vida humana. A festa morre para que possamos viver o resto do ano.

Ensaio fotográfico O carnaval parnaibano

Por Maria Clara Palmeira

O Carnaval de rua de Santana de Parnaíba é tradicionalmente conhecido pelos seus diversos blocos, cânticos e danças que dão vida às noites do centro histórico da cidade. Com diversos cortejos, essa comemoração conta com tambores, bumbos e cabeções que transmitem toda a arte e cultura que ultrapassam gerações na cidade.

Um exemplo é o bloco Abayomi, composto por mulheres do samba de bumbo parnaibano, que fortalecem a presença feminina no samba, propagando a cultura afro-brasileira.



Integrantes do bloco Abayomi



Fechamento do bloco em frente à Casa do Samba Parnaibano, espaço criado para valorizar a cultura do samba na cidade

